

The background of the cover is a complex, abstract pattern of wavy, glowing blue and cyan lines against a dark, almost black background. The lines create a sense of movement and depth, resembling a distorted or vibrating light effect.

VOZES DO ALÉM PELO TELEFONE

OSCAR D'ARGONNEL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespirita.org.



www.ebookespirita.org

VOZES DO ALÉM PELO TELEFONE
Novo e admirável sistema de comunicação
Os Espíritos falando pelo telefone

Oscar D'Argonnel

Tradução da versão original de 1925

Digitalizada por:

L. Neilmoris

© 2008 - Brasil

VOZES DO ALÉM PELO TELEFONE

NOVO E ADMIRÁVEL SISTEMA DE COMUNICAÇÃO
OS ESPÍRITOS FALANDO PELO TELEFONE

OSCAR D'ARGONNEL

VOZES DO ALÉM PELO TELEFONE

VOZES DO ALÉM PELO TELEFONE

No Rio de Janeiro apenas encontrei dois médiuns de vozes: Um irmão meu e seu filho Abelardo, hoje advogado. Os espíritos, porém, utilizavam-se da mediunidade destes meus parentes para falar pelo telefone.

Um sorriso de incredulidade terá o leitor, ao ouvir tal afirmativa. A emissão de vozes de espíritos por esse meio é um fato tão maravilhoso que se torna difícil a sua aceitação.

Não nos esqueçamos, porém, de que todos os fenômenos espíritas são maravilhas. Haverá fenômeno mais assombroso do que a formação de um corpo humano, com todos os caracteres de vida, com o dom da palavra, a faculdade, da locomoção, o calor natural do vivente etc. que se dirige aos assistentes como se fosse uma pessoa viva? Porque, pois, duvidar que esses seres que têm força para se tornar visíveis e tangíveis, possam utilizar-se do telefone como um novo meio de comunicação?

Logo que ouvi as primeiras vozes de espíritos pelo aparelho telefônico dizendo que eram os espíritos do "Grupo de Espiritismo Experimental" que falavam, eu desprevenido, por ser um fato inteiramente novo e desconhecido, supus, a princípio, estar sendo vítima de alguma graça. O chiado, porém, esquisito do telefone, antes e depois da comunicação, atraiu a minha atenção. Quem sabe, refletia eu, se não será possível esse novo sistema de comunicação dos espíritos?

Nesse momento, lembrei-me das seguintes linhas que se acham na pag. 379 do "Livro dos Espíritos" de Allan Kardec:

Pergunta: A perda de pessoas que nos são caras não é daquelas que nos causam um desgosto bem legítimo, visto que essa perda é irreparável e independente da nossa vontade?

Resposta: Essa causa de desgosto atinge tanto o rico como o pobre: é uma prova ou expiação, é lei comum; mas tendes consolação em poder comunicar-vos com os vossos amigos pelos meios já conhecidos, enquanto não vos forem dados outros meios mais diretos e acessíveis aos vossos sentidos.

A ninguém eu disse que os irmãos do espaço haviam conversado comigo por um sistema tão original, e esperei a próxima sessão do "Grupo".

Nessa sessão, perguntei aos espíritos se eles haviam falado comigo em tal dia. Eles responderam pela afirmativa. Como, porém, falaram, não houve sessão nesse dia? Interoguei eu. "Pelo telefone" responderam os espíritos imediatamente pela tiptologia. Como puderam conseguir isso? Continuei eu. "Experimentamos e deu certo" foi a resposta.

Então, pedi que, para evitar graças de algum gaiato, dessem primeiramente antes de começarem a falar comigo pelo telefone, os nomes de todos os membros do "Grupo", o da dona da casa onde se realizavam as sessões, e

batessem no aparelho, o sinal do guia, que era de difícil reprodução; e nenhum estranho conhecia.

Assim, durante mais de dois anos, os espíritos, quando queriam falar comigo pelo aparelho telefônico cumpriam religiosamente a combinação.

Depois de ouvir, durante anos, as mesmas vozes, fiquei com o timbre delas de tal modo gravado no ouvido, que dispensei os sinais por inúteis. Não havia mais possibilidade de dúvidas; pelo timbre da voz, eu reconhecia qual o irmão que falava. Varias vezes, insisti com os espíritos, para darem a prova absoluta que apresentei, dessas comunicações telefônicas. Eles respondiam com evasivas ou declaravam que não tinham ordem superior de me satisfazer.

A prova absoluta a que me refiro é a seguinte: eu reuniria vários homens de destaque em casa de Fred Figner, em frente ao telefone. Cada um deles pronunciaria muito baixo, uma frase imaginada na ocasião. O espírito, sem que ninguém se retirasse do local, deveria repetir imediatamente, a frase pelo telefone.

Parece-me que os espíritos pretendem deixar a humanidade, durante um certo tempo, no estado de dúvida. Pelas provas, porém, que apresento neste livro, o leitor ficará convencido da realidade desse extraordinário meio de comunicação dos desencarnados.

A uma pergunta minha, os espíritos responderam que falavam das caixas de distribuição, fazendo eles próprios a ligação, ou pedindo, de qualquer telefone, a ligação à telefonista.

Um espírito me informou que a voz emitida pelos desencarnados pelo telefone, é quase imperceptível; e se eu a ouço forte, é devido ao poderoso auxílio das correntes elétricas do aparelho.

Varias vezes, tenho ouvido o espírito, na ocasião em que está conversando comigo pelo telefone, pedir, à telefonista, ligação para a casa de Abelardo (médium). Um deles, depois de fazer o pedido, disse "D'Argonnel, se a telefonista soubesse que ouviu a voz de um espírito, tinha uma síncope".

Antes e depois da comunicação, ouve-se o telefone chiar; e isso é mais uma prova da realidade do fenômeno.

Às vezes, as vozes são tão roucas que quase se tornam imperceptíveis; outras vezes, são claras, nítidas; isso, disseram-me os espíritos, depende do estado o médium de quem tiram a força.

Uma vez, o espírito padre Manoel esforçou-se para falar comigo pelo telefone; mas a voz era tão rouca e fraca que eu quase não compreendia as palavras. Depois de um esforço, talvez de 10 minutos, entendi o espírito dizer que ia ligar o meu telefone para o da casa de meu irmão (médium), a fim de haurir força.

Ouvi logo um som, semelhante ao de um ferro batendo em um outro ferro pendurado; e a voz de meu irmão surgiu : "Quem fala?" O padre, então, com a voz natural, disse: "Está vendo, D'Argonnel, como a minha voz está boa agora?"

Quando eu desejava falar com algum dos espíritos já conhecidos, ligava o meu telefone para o da casa de Abelardo (médium); pedia a este ou ao pai (médium), que permanecesse junto do aparelho. Então, eu chamava o espírito. Se ele pudesse comparecer, eu ouvia o telefone chiar e a voz do irmão dizer: "Que a paz do Senhor esteja convosco". E começávamos a conversar. Se não pudesse vir, duas pancadas ressoavam no aparelho (era o sinal convencional).

Quando um espírito desejava conversar comigo, o meu telefone tocava; eu ia atender. Ouvia o aparelho chiar, e em seguida, o irmão dizer: "Que a paz de Deus esteja convosco", e principiava a conversar. Nesse caso, o meu telefone não estava ligado para o da casa dos meus parentes médiuns.

Se, depois da retirada do espírito, eu ficasse com o fone ao ouvido, ouvia logo a voz da telefonista dizer: "Que número, faz favor?"

Na noite de 10 de Dezembro de 1917 depois que os espíritos se despediram dos membros do "Grupo de Espiritismo Experimental" pela tipologia, foram todos os membros do "Grupo" para a casa do pesquisador Palhares, e lá ficaram até 1 hora da madrugada. Eu, Abelardo, Palhares, Felisberto e os Saroldis éramos, naquela noite, constantemente chamados pelos espíritos, pelo telefone, a fim de, por esse meio, despedirem-se. Nós rodeávamos o aparelho, a campainha tocava, e um de nós dizia: Lá vai um irmão faltar; de fato, punha-se o fone ao ouvido e um irmão começava a palestrar.

Um espírito muito atrasado, cuja ocupação, segundo outros espíritos me informaram, era perseguir as pessoas de má vida, falou comigo essa noite pelo telefone, Assim que comecei a dirigir-lhe a palavra, ele, percebendo a minha intenção, disse, com voz alta e decisiva: "Eu não quero doutrinação". Continuei a falar-lhe com palavras meigas; ele, com voz forte gritou: "Não doutrina! Não doutrina!"

O ultimo espírito que falou comigo pelo telefone na noite de 10 de Dezembro de 1917, dizia chamar-se Manoel dos Santos Silva, Tinha a voz clara, alta, nítida.

Estabeleceu-se entre mim e ele o seguinte dialogo:

Pergunta: — Como você se, chama?

Resposta: — Manoel dos Santos Silva.

P: — De onde está faltando?

R. — Da caixa de distribuição da Praia de Botafogo.

P. — Ninguém aí ouve a sua voz?

R. — Ninguém.

P. — Assim como você está faltando, com a voz tão perfeita, tão alta, porque os nossos caros desencarnados não se utilizam também, desse novo meio de comunicação, para nos consolar e enxugar as nossas lágrimas?

R. — Ah! Meu filho! É inteiramente impossível, Só podem faltar pelo telefone os espíritos que habitam a nossa esfera onde isso é permitido. Vou retirar-me. Queira dar muitas lembranças ao Bibi (Abelardo), ao Palhares, ao Felisberto, a D. Laura e ao *confrade Maia* (pronunciando estas palavras grifadas com ênfase) e você receba um apertado abraço meu. Adeus!

O telefone chiou e nada-mais ouvi.

Como já era 1 hora da madrugada, os membros do "Grupo de Espiritismo Experimental" retiraram-se para as suas casas.

Desde essa noite, cessaram as vozes de espíritos peto telefone.

No dia 18 de Abril de 1918, fui á drogaria André, á rua Sete de Setembro, comprar um tônico. Vendo o telefone da casa, lembrei-me de avisar a Abelardo, residente em Botafogo, que a tipografia não me havia dado, naquele dia, provas do livro "Não há morte".

Assim que pus o fone ao ouvido, percebi o som de várias pancadas, e depois, o sinal do guia do "Grupo de Espiritismo Experimental" Barreto.

Perguntei se era Barreto que, naquele momento, queria comunicar-se tiptologicamente; e recebi resposta afirmativa.

Este espírito, então, conversou comigo por pancadas no telefone, cerca de 5 minutos.

Depois, pedi-lhe que parasse um pouco com as pancadas a fim de poder eu chamar Abelardo, residente em Botafogo, para ele ser testemunha daquela comunicação inesperada.

As pancadas cessaram, e a telefonista perguntou: "Que número, faz favor?" Eu dei-lhe o número do telefone da casa de Abelardo, e a voz deste surgiu: "Quem fala?"

Então, avisei-lhe que a tipografia não me havia dado, naquele dia, provas do livro "Não há morte" e pedi-lhe que não desligasse o telefone, pois ia ter uma surpresa. Imediatamente, Barreto bateu no telefone o seu sinal, e Abelardo gritou de Botafogo: "E' o sinal de Barreto!"

Eu disse-lhe que me achava na drogaria André, á rua Sete de Setembro, e que este espírito se havia manifestado inesperadamente. Na mesma ocasião, novas pancadas no telefone disseram: "Adeus!" Estava terminada a palestra.

Como eu falava muito baixo e os dois empregados da casa serviam, a dois fregueses, a minha conversa com o espírito não foi notada. Nessa ocasião as vozes de espíritos pelo tele-fone, recomeçaram.

Certa vez, eu conversava com o espírito Barreto pelo telefone, e disse-lhe que na Terra havia muita ingratidão. Ele julgando que eu havia sido uma vítima desse sentimento, disse-me: "Quem te fez ingratidão? Não faz mal, isso serve para purificar a tua alma".

Em outra ocasião, o padre Manoel conversava comigo pelo telefone da minha Repartição; eu perguntei-lhe de onde estava falando. Resposta: "De uma caixa de distribuição no subsolo da Praça Tiradentes. Descobri aqui num "Café" um médium, D'Argonnel, de quem estou tirando a força para eu poder falar. Ele já tentou levantar-se para se retirar, mas eu não deixei, retire-o".

Certo dia, logo que o espírito Antonio terminou a conversa comigo, pelo telefone, lembrei-me de colher uma prova de que os espíritos, para falar pelo telefone, não se servem dos órgãos materiais do médium.

Depois que Antonio se despediu, eu desliguei o meu telefone. Passados talvez 10 minutos, pus o fone ao ouvido e pedi á telefonista ligação para o telefone da casa de Abelardo, a quem cientifiquei de ter Antonio, naquele instante, acabado de falar comigo pelo telefone, e pedi que ele (Abelardo) gritasse os algarismos rapidamente, pois eu ia fazer o mesmo, de modo que eu ouvisse a voz de Abelardo e ele a minha. Se a voz do espírito surgisse de permeio, eu colheria a prova desejada.

Começamos, pois, a gritar rapidamente os algarismos 1-2-3-4-5-6-7, etc. Quando chegamos ao número 7 ou 8, a voz nítida e forte de Antonio disse: "Fui eu mesmo, Antonio, que falei com você".

Uma noite, eu, Abelardo e Felisberto reunimo-nos em um quarto da casa deste ultimo experimentador, e começamos a conversar com o espírito Antonio, pela tipologia. Quando terminou a conversa, pedi-lhe que me desse a prova absoluta, já

apresentada neste livro, das vozes de espíritos pelo telefone. Ele respondeu-me com evasivas, fugindo á prova. Pedi-lhe, então, que me desse outra prova, se bem que muito fraca. Antonio perguntou: "Qual é?" Respondi-lhe que eu ia retirar-me: quando chegasse á casa, ele se comunicasse pelo telefone dizendo: quantos pães comeu o Rei? E em seguida, pronunciasse os nomes de todos os membros do "Grupo" e o da dona da casa onde nos reuníamos para as sessões.

Antonio respondeu por pancadas, na mesa que, se encontrasse força, me satisfaria.

É conveniente o leitor saber que Abelardo e Felisberto, são incapazes de qualquer graçola, tratando-se de um assunto tão serio como é o espiritismo; além disso, eles seguem a minha orientação, isto é, exigem provas cada vez mais certas da sobrevivência.

Demais, nesse sistema de comunicação de espíritos pelo telefone, já era inteiramente impossível uma pessoa conseguir enganar-me, falando pelo telefone e dizendo ser um espírito, pelas seguintes razões: 1ª pelo chiar esquisito do aparelho, antes e depois da comunicação; 2ª pelo timbre das vozes dos espíritos com o qual eu já estava muito familiarizado.

Retirei-me, pois, deixando Abelardo e Felisberto ansiosos pelo resultado da experiência.

Pouco depois de ter eu chegado a casa, o meu telefone tocou Quem fala? Perguntei Depois do chiar acostumado a voz nítida de Antonio disse: "Sou eu Antonio. Quantos pães comeu o Rei? Os membros do "Grupo" chamam-se. fulano, beltrano, sicrano, a dona da casa das sessões chama-se fulana. Adeus!" (Tudo era certo).

O telefone chiou de novo, e nada, mais ouvi; estava satisfeito o meu desejo.

Coloquei o fone no gancho, desligando, portanto, o aparelho. Um minuto depois, retirei o fone aplicando-o ao ouvido e, desse modo, esperava a voz da telefonista a fim de pedir ligação para a casa de Abelardo, no intuito de narrar a este e a Felisberto, o êxito da experiência. No entanto, em vez da voz da telefonista, surgiu de novo a do espírito dizendo: "Ah! Você quer comunicar-se com os rapazes? Pois não se comunica porque eu não deixo". Debalde fiquei ainda esperando que a telefonista me atendesse; notando, porém, que estava perdendo tempo, desisti, naquele momento, e só meia hora, depois pude conseguir a comunicação.

Quando Antonio, uma noite, conversava comigo pelo telefone, disse-me que meu falecido sobrinho Zizinho, que me deu a prova de identidade publicada no livro "Não há morte" lhe declarara que se lembrava das historias que eu lhe contava quando ele estava encarnado, e que, ao dizer isso, ficara muito triste (É exato que eu punha no colo esse meu parente e contava-lhe historias, o que ele: muito apreciava). Nessa ocasião,, Antonio deu-me com toda exatidão, a data do meu aniversario natalício, a do de meu irmão Fernando e a do de minha falecida irmã Adelina, mãe de Zizinho; declarando que fora esta minha falecida irmã quem lhe revelara tais datas.

Um espírito falou em italiano, pelo telefone. Como eu lhe dissesse que não compreendia a língua em que estava falando, ele, depois de perder o tempo por mais de 5 minutos, retirou-se. (Nenhum dos membros do "Grupo de Espiritismo Experimental" sabe italiano).

O espírito padre Manoel recitou, a meu pedido, o Padre Nosso em latim, língua, que eu e os outros membros do "Grupo" desconhecemos. Logo que terminou o Padre Nosso, o meu relógio bateu 9 horas da noite; e o padre disse: "D'Argonnel, o seu relógio está atrasado" Depois, perguntou-me se eu queria escrever uma prece. Respondi-lhe afirmativamente.

Fui, então, buscar lápis e papel. O padre começou a ditar a prece que frei Solanús (Gustavo Macedo)¹, publicou no "Reformador" de 1º de Janeiro de 1919, e que reproduzo neste livro; o interessante é que até a pontuação foi ditada pelo espírito. Logo que o padre terminou de ditar, desliguei o telefone.

Passados 10 minutos mais ou menos, o meu telefone tocou. Era Abelardo que, admirado, me dava a noticia de ter o padre Manoel, naquele momento, lhe ditado uma prece pelo telefone. Conferida imediatamente, verificou-se ser a mesma que esse espírito me havia ditado. Desliguei novamente o telefone.

Poucos minutos depois, o meu telefone tocou de novo. Era frei Solanus que, extasiado, me cientificava haver o espírito padre Manoel, naquele instante, lhe ditado uma prece pelo telefone. Conferimos na mesma ocasião e verificamos que era a mesma prece que esse espírito, pouco antes, havia ditado a mim e a Abelardo!

Eis o artigo que frei Solanus publicou no "Reformador" de 1º de Janeiro de 1919: Já Oscar D'Argonnel nos havia dito que conseguira falar com os espíritos pelo telefone. O paciente experimentador, em seu "Grupo de Espiritismo Experimental" obtivera uma serie de fenômenos: mãos materializadas a tocar as dos assistentes, campainhas transportadas de cima da mesa para baixo e vice-versa, e mais agitando-se no ar por cima da cabeça dos presentes; palmas, castanholas e até assobios, e por ultimo, materializações e projeções luminosas.

Pois em casa, D'Argonnel gozava ao telefone, o convívio dos irmãos do espaço, ouvindo bastas vezes, boa música, notando o timbre peculiar das vozes masculinas e femininas.

Entre os mais assíduos palestradores, contava-se Pereira Barreto, guia do "Grupo", Esther que cantava a Ave Maria de Gounod e o padre Manoel.

¹ Presidente da Cruzada Espiritualista. Funciona às sextas-feiras á noite á rua do Rosário 133.

I

Em a noite de 20 de Setembro, estando o cronista conversando em a varanda da casa, o telefone retiniu, e ele foi atende-lo.

Depois de estranho chiar, uma voz um pouco rouquenha disse: "Eu sou o padre Manoel, venho visitá-lo a pedido do nosso D'Argonnel estas provas não são dadas a todos, o Figner ainda não as teve." ²

A comoção que sentimos foi grande; manifestamos profundo reconhecimento á misericórdia divina, por nos conceder manifestação tão espontânea.

Conversamos com o bom irmão desencarnado, que nos explicou não pedir ligação á telefonista; ele próprio a fazia penetrando para isso, na caixa de distribuição da rua da Real Grandeza.

Efetivamente, logo que a palestra finda, a telefonista acode: "Que número, faz favor?"

Em outro dia, padre Manoel pedia á esposa do cronista, para ir a rua tal, nº... à casa de D... e lhe valesse em apertos domésticos, entrando em particularidades íntimas que a vítima não notificara nem mesmo á sua mãe.

De outra feita, disse-nos o padre: "Você, X... já foi frade, hein?"

Dissemos-lhe que sim, e por isso era nimamente religiosa a nossa feição no espiritismo; muito apreciávamos e amávamos ao D'Argonnel, mas faltavam-nos qualidades de experimentador, que ele possui; por isso, frei Solanus e D'Argonnel se completavam.

Certa vez, este pediu ao seu irmão cego, Constante Ramos, que ligasse o aparelho de sua casa para o convento do cronista, a fim de ajudar o espírito com mais fluido.

A esposa do cronista e D'Argonnel ladearam o telefone; padre Manoel disse-nos em latim a formula de prelado, a qual respondemos: "Vês, frei... temos honra de Monsenhor."

Depois continuou: "*Gloria in excelsis Deo*".

Dissemos-lhe: Não, padre, em vero gregoriano não é esta a nota; e entoamos a escala em puro cantochão. Padre Manoel, gargalhou e disse: "É assim mesmo, frei Solanus; e o D'Argonnel não entende nada disso!"

Ainda trocamos algum latinório em salmodia; ele recitou em rito romano o *confíteor Deo*; respondemos-lhe com a adição franciscana.

Constante Ramos exclamou: "Mas isto é extraordinário, parece-me que estou dentro de uma igreja."

Havíamos outra vez, feito urna prece na intenção do nosso amigo desencarnado, fizemo-la, e ele recebeu-a no espaço, por impedido de estar presente,

² Até esse dia o padre Manoel ainda não tinha começado a falar com o Figner pelo telefone.

consoante nos avisou pelo telefone; e nos comunicou que estava compondo uma oração que nos ofereceria.

De fato, dias depois, ao cronista, ao D'Argonnel e a Abelardo, ditou ainda pelo telefone a prece seguinte: "Deus! Vós que sois o nosso pai misericordioso, infinitamente bom e amável, difundi no coração dos ímpios o vosso amor, a fé viva, a esperança e a caridade! E debaixo deste santo e casto amor, perdoai aqueles que não vos conhecem, fazei com que eles possam praticar as três virtudes: a fé, a esperança e a caridade; (que são os verdadeiros símbolos da caridade); e logo que eles se achem verdadeiramente arrependidos de todas as suas culpas, e as suas almas resgatadas da matéria bruta onde jaziam, recebei-os no regaço de vossa santa mãe e dai-lhes o Reino da Gloria por todos os séculos. Amem."

Dias depois, o cronista e D'Argonnel conversavam ao telefone, sobre a impossibilidade de se publicar uma prece de cunho tão acentuadamente teológico, efeito da educação do padre que, sem duvida, fora em seu tempo, sacerdote desinteressado de estudos espirituais. A maternidade divina era inadmissível para os espíritas.

Em o mesmo dia, padre Manoel nos avisou pelo telefone, que ouvira a conversa; que em tudo tínhamos razão; por isso, substituíssemos as palavras; "Recebei-as no regaço de vossa santa mãe," pela expressão: "Recebei-as no Reino da Gloria."

Aqui ficamos pela estreiteza do espaço, e por isso, parodiamos São João: "Muitas outras coisas fez e disse o padre Manoel, que se forem escritas uma por uma, supomos que nem três crônicas do *Reformador* bastariam."

A respeito da conferencia feita na igreja de João Baptista da Lagoa, pelo Dr. João Gualberto, frei Solanus assim se exprime no "Reformador" de 19 de Março de 1920: "Pois que despertaram muito interesse as vozes dos espíritos pelo telefone, merecendo a crônica referente a este assunto ser lida do alto do púlpito da igreja de São João Baptista da Lagoa, pelo ilustrado sacerdote Dr. João Gualberto, que fez merecidos elogios ao experimentador D'Argonnel, e excessivamente generoso se mostrou nas referencias ao cronista, vem de molde, com o relatar outro episodio interessante desse novo meio de comunicação, consignar agradecimentos ao douto orador da igreja romana, alias muito feliz na critica ás personalidades do pesquisador psíquico e do pregador do espiritismo cristão.

De nossa parte, procuramos corresponder á gentileza pessoal do cientista, quando tivemos a honra de responder-lhe em duas conferencias na Federação, que lograram uma assistência de cerca de 2.000 pessoas tal o interesse que o assunto despertou – contando-se entre os assistentes, pessoas várias que assistiram ás acusações do ilustre sacerdote da igreja romana.

E dissemos, então, que S. Ex. quando invectivava o espiritismo, assemelhava-se à águia querendo alcandorar-se em seus vôos científicos, mas esbarrando a cada passo na grade férrea do dogma, que lhe magoava a aza, fazendo-o tombar no chatico, no lugar comum do dogmatismo desmoralizado pela ciência e pela experimentação, e produtor do vomito da descrença.

O espirito padre Manoel, tantas vezes citado do púlpito pelo douto pregador católico, esteve presente ás suas conferencias e disse a Oscar d'Argonnel, pela tipologia, que se não zangara com as apreciações feitas á sua entidade pelo ex-

colega do clero; que certamente ao orar para deitar-se diria "Meu Deus! Eu estarei com a verdade?" e depois oraria.

Ao reverendíssimo Dr. Gualberto, aguardamos ensejo que breve se nos deparará, para pessoalmente visitá-lo e ofertar-lhe um livro sobre o espiritismo.

Agora o fato novo. Vínhamos de fazer uma sessão em casa do Sr. Marcelino Penteado, a pedido de sua esposa, nossa irmã D. Irene Penteado.

Esteve presente e se revelou pela forma habitual, o padre Manoel.

De regresso à sua morada, o cronista, sua esposa e o Bibi, - apelido médium, cirurgião dentista e acadêmico de direito, - este lamentou que havendo seu genitor falecido há mais de um ano, não lograsse ele ainda um emprego que lhe garantisse uma renda certa para manter-se, visto como retirando mensalmente uma parcela do pouco que o pai lhe deixara, ver-se-ia, fatalmente, reduzido ao extremo.

Isto era a horas mortas da noite; o cronista respondeu ao queixoso, que era difícilimo conseguir-se um emprego publico; só mediante empenhos poderosíssimos lograria alguém ingressar em uma repartição do Estado.

Ja informar-lhe de lugares que lhe conviessem nas repartições municipais, para que o pretendente cavasse empenhos de valor a esse mister.

Mal ia o cronista em meio do jardim da casa, quando ouviu o telefone retinir insistentemente.

Sua esposa toma o fone, teve a intuição que era o espírito amigo com quem já de outras vezes falara, e lidou para que ele se comunicasse, relutando em passar o fone ao esposo, que a demoveu do intento, fazendo lhe sentir que o espírito certamente em aquela noite não se poderia a ela comunicar.

Logo que o cronista adaptou ao ouvido o aparelho, padre Manoel disse nitidamente: "Frei Solanus, eu bem vi a luta da tua mulher, em te passar o fone. Nós temos aqui leis severas, e hoje me não é permitido entreter-me com ela. O pobre-razap tem razão; há um ano perdeu o pai, e eu não tenho conseguido atuar os encarnados para o efeito de arranjar-lhe uma colocação; amanhã, porém, vou á Prefeitura para que te não esqueças do prometido."

Então, padre, ouviste toda a conversa? E' como te disse, não tenho meios para lá colocar o rapaz, vou, entretanto, indicar os lugares convenientes.

Seguiram-se episódios de somenos importância, e o espírito mandou á irmã resignada por não poder com ela se entreter àquela noite, um respeitoso abraço.

Em o dia imediato, quando o cronista estava prestes a se dirigir á repartição onde labuta, um filho mocinho reclamou o direito de também se comunicar com o padre Manoel, visto parecer-lhe que seu pai pretendia monopolizar aquela entidade.

Vai ao aparelho, toca para a casa do médium referido, evoca o espírito em questão, que não tardou em revelar a sua presença pelo chiar característico do telefone, sem falar no entretanto com o evocador.

O cronista toma o fone e pede desculpa ao espírito pela imprudência do rapaz em chamá-lo a este plano em aquele momento.

O padre disse: "Não faz mal, eu estarei em tua casa e irei contigo para a Prefeitura. Lembranças a F. (esposa do cronista) diga-lhe que me acharei ao lado dela."

Em a Municipalidade, foram tomadas as informações indispensáveis ao candidato, e arroladas em um quarto de papel com o intuito de as remeter ao

interessado; ao redor do dia este se deu pressa em telefonar ao cronista, para ter notícias do empreendimento, e na conversa, telefônica, interveio o padre Manoel, dizendo a propósito do nome de um patrono da causa: "Se fulano não pedir, nós ficaremos mal."

Nosso prezado irmão Rozemburgo refere por saber de fonte certa, que o espírito de Annibal Theophilo (aí por intermédio de um médium) chamou o filho ao telefone de uma casa onde este se achava, para ir a outro local acudir a uma tia que enfermara.

O professor Emeterio José dos Santos, lente do Colégio Militar e Escola Normal, referiu ao cronista, que após haver perdido seu filho Aristides Hemeterio dos Santos, desencarnado em um naufrágio na enseada de Guaratiba, depois de pesquisas infrutíferas para encontrar o cadáver, estando, em casa descansadamente recebeu um telefonema em o qual se lhe avisava que o corpo do naufrágio podia ser encontrado no lugar tal e com a particularidade de se achar parte do cérebro do cadáver á tona d'água.

Julgou o professor que se tratava de um gracejo de mão gosto, e no entretanto era uma verdade inteiramente verificada e não transmitida por nenhuma das pessoas que podiam sabê-la.

Da Bélgica, recebeu o cronista em uma carta da senhora Manoela Macedo de Bittencourt, consulta se era verdade o que se dizia de espíritos falarem pelo telefone.

Não se alarme o ilustrado Dr. Gualberto com o possível argumento de trabalho das telefonistas como assinalou em a igreja da Lagoa: os espíritos fazem a ligação diretamente, poupando assim o serviço àquelas funcionarias.

O que tememos é que os padres tenham agora encargos de exorcizar os telefones para enxotar deles os "diabos."

E assim termina a crônica do ilustre confrade frei Solanus.

Um dia do mês de Outubro de 1918, Abelardo, a pedido de um amigo, residente em Bota-fogo, levou para a cidade, um paletó novo de casemira, a fim de ser retirado um defeito que o alfaiate havia deixado.

Ao sentar-se no ultimo banco junto ao recebedor, Abelardo colocou o embrulho em baixo do banco, entre a travessa e o chão; e ao retirar-se, esqueceu-o no bonde.

Imediatamente, foi à estação da Galeria Cruzeiro, mas não encontrou aí o embrulho; telefonou para a estação do Largo Machado e para a do Largo dos Leões sem resultado.

Às 3 horas da tarde mais ou menos, Abelardo estava em seu consultório á rua Sete de Setembro, quando o telefone tocou. Foi atendê-lo, e ouviu, depois do chiar acostumado, o timbre da voz do padre Manoel dizer: "Bibi" (apelido de Abelardo), o embrulho do paletó está chegando neste momento, á estação do Largo do Machado."

Abelardo pediu ao padre que desligasse o telefone; e imediatamente ouviu a voz da telefonista dizer: "Que número faz favor?"

Feita a ligação para a estação do Largo do Machado e consultado o despachante, este respondeu "Um embrulho com o paletó está chegando aqui neste momento!"

Abelardo partiu sem demora para o local e verificou que o embrulho lá deixado pelo recebedor, era o que ele tão ansiosamente procurava.

Uma vez, o padre Manoel disse pelo telefone: "d'Argonnel o amigo cego de seu irmão que reside em Minas, está com uma moléstia de certa gravidade e em extrema pobreza; veja se pode fazer alguma coisa por ele."

Meu irmão escreveu para Minas, e pela resposta, verificou-se que o padre havia dito era uma verdade.

Em outra ocasião, Abelardo foi procurar-me para dizer que o padre me mandava avisar que eu me achava doente e devia tratar-me.

Eu comia e dormia perfeitamente, por isso, fiquei admirado desse aviso. Alguns dias depois, a análise da urina revelou a presença de açúcar.

Certa noite, Abelardo já se havia deitado quando ouviu fracas pancadas ressoarem na taboa da cabeceira da cama. Ele, em voz baixa perguntou se era algum irmão que desejava falar. Uma pancada ressoou, era o sinal afirmativo. Que quer? Perguntou Abelardo. Resposta: "Houve na Casa do Dr. X (não quer que o nome seja publicado), em Petrópolis, um desastre. Adeus!"

Abelardo ficou aflito com essa comunicação, e no dia seguinte, partiu para Petrópolis. O Dr. X admirou-se daquela visita inesperada. Então, Abelardo narrou a comunicação da véspera.

Era exato. O sobrinho do Dr. X fora vítima de uma queda da bicicleta, que lhe ia sendo fatal; felizmente sem graves conseqüências.

Na Sexta-feira antes do Carnaval de 1919, o padre Manoel disse-me á noite pelo telefone: "D'Argonnel, eu baixei de propósito para lhe pedir que não me chame nestes quatro dias; o chefe não quer que eu venha à Terra porque o Carnaval atrasa os espíritos."

Uma tarde, o padre Manoel, quando estava conversando comigo pelo telefone disse: "D'Argonnel, que faz sua mãe só sentada em uma cadeira, pensando... pensando..."

Eu respondi-lhe que era devido às dores reumáticas que não a deixavam andar facilmente; e pedi-lhe que conseguisse uma receita do espaço para ela.

Alguns dias depois, ás 2 horas da tarde, eu conversava pelo telefone da minha Repartição, com meu irmão Constante, médium e pai de Abelardo, que se achava em sua residência em Botafogo. No meio da conversa, o telefone chiou, e a voz do padre surgiu: "Que a paz de Deus esteja convosco, D'Argonnel, eu já consegui uma receita d'aqui para sua mãe."

Imediatamente fui buscar lápis e papel, e o padre ditou a receita, dizendo que era para uso externo, devendo, por meio de uma flanela, friccionar com o medicamento, o lugar onde minha mãe sentia as dores. Terminou declarando que a receita havia sido dada pelos Drs. Rocha Lima e Feijó; e perguntou-me se eu havia conhecido estes médicos. Eu respondi-lhe negativamente.

II

Em Outubro de 1918, por ocasião da epidemia "espanhola" o padre Manoel recomendou-me pelo telefone, que tivesse todo o cuidado, pois a epidemia estava forte; aconselhou-me lavar a minha casa com lvsol e defumar com alcatrão e breu. Eu perguntei-lhe se sabia a causa da epidemia. Ele respondeu-me que supunha ser proveniente dos corpos insepultos na Europa. (A Europa estava em guerra).

Um rapazola chamado Julio, que fora criado em minha casa desde 5 anos de idade, adoeceu com a "espanhola" na rua Jorge Rudge, Villa Isabel, para onde havia ido a fim de ajudar os arranjos da casa de uma sobrinha minha que estava enferma com a mesma moléstia.

Eram 9 horas da noite, quando o padre me chamou pelo telefone, em Botafogo, pedindo-me com insistência, o transporte de Julio para este arrebalde onde, dizia o comunicante, havia mais recursos.

Houve luta entre o padre, que insistia pelo transporte, e minha mãe que, terminantemente, se opunha, com receio que a viagem fizesse o doente piorar. Eu, com o fone ao ouvido, servia de intermediário.

Abelardo que, no seu telefone servia de médium, ouviu toda a conversa e opinou pelo transporte.

Depois que o padre se convenceu de que minha mãe não transigia, disse: "Pois bem, d'Argonnel, vamos nós três: eu, você e o Bibi á Villa Isabel?"

Mandei vir um automóvel e partimos. Eram 10 horas da noite.

O padre foi até certa distancia, conversando conosco pela tipologia com a bengala; depois despediu-se declarando que nos ia esperar na porta da casa, e retirou-se, ficando a bengala imóvel nas nossas mãos.

Chegando ao local, soubemos que uma pessoa de casa já tinha ido procurar um médico, mas não o encontrara; já havia telefonado para Assistência, recebendo a resposta que, com cerca de 800 chamados anteriores, não podia atender sem grande demora.

Eu e Abelardo resolvemos, então, ir no mesmo automóvel até a primeira farmácia, a fim de pedir ao farmacêutico que nos indicasse a residência de algum médico.

Encontramos a farmácia fechada; mas, no momento em que estávamos batendo na porta, aproximou-se de nós um mocinho e perguntou-nos se precisávamos de médico, pois ele ia, naquela ocasião, chamar o médico da família, Dr. Abreu, para tratar de uma sua irmã que adoecera, e o médico talvez nos pudesse atender.

Eu respondi: Oh! O senhor foi um anjo que apareceu!

Eu, Abelardo e o mocinho entramos no automóvel e fomos até a Praça Sete nº 10. O médico prontificou-se a nos atender; e como a enfermidade da irmã do mocinho não era grave, o Dr. Abreu foi primeiramente examinar Julio.

Terminado o exame, Abelardo foi á farmácia aviar a receita, e eu fui levar o médico á casa da doente e depois á sua residência.

Quando, na volta passei pela farmácia Abelardo entrou no automóvel com os remédios e partimos para a rua Jorge Rudge começando logo a medicar Julio e continuando até ás 4 horas da manhã, quando voltamos para Botafogo. Antes, porém, de nos retirarmos o padre deu esta comunicação: "Então, d'Argoonel, e se não tivéssemos vindo até aqui?"

No dia seguinte, este mesmo espírito disse-me pelo telefone de minha casa em Botafogo: "Aquele mocinho, d' Argonnel, que ia chamar o médico para a irmã e que se aproximou de você oferecendo os seus préstimos, agiu de acordo com a intuição que eu lhe dei; tudo aquilo foi obra minha."

Dias depois, o padre insistiu pelo telefone, pelo transporte de Julio para Botafogo.

O espírito Barreto falou nessa ocasião (era interessante ouvirem-se dois timbres diferentes de voz falando ao mesmo tempo pelo telefone) e disse-me que também julgava necessário o transporte de Julio, mas que ás 3 horas da tarde eu ligasse o meu telefone para o da casa do médium a fim de ser esse assunto resolvido definitivamente.

Á hora marcada, pedi a ligação; chamei o padre Manoel o telefone chiou, e a voz desse espírito surgiu.

Ele então, apresentou-me, pelo telefone, o espírito do Dr. H. (a família não quer que o nome seja publicado) este espírito conversou comigo pelo aparelho telefônico bastante tempo, dando-me esplendida prova de identidade, como adiante se verá. Ficou resolvido pelo espírito Barreto, que eu, Abelardo e os espíritos padre Nianoel e Dr. H. partíssemos, naquele momento, para a rua Jorge Rudge. Antes, porém, o padre Manoel falou: "D'Argonnel, mande vir um automóvel no qual o pequeno possa vir recostado."

O automóvel veio e partimos. Chegando á casa da rua Jorge Rudge, ficamos juntos de Julio por algum tempo; depois, seguramos a bengala, e o padre Manoel deu esta comunicação; "D'Argonnel, desculpe-me o trabalho que lhe dei de vir até aqui; mas o Dr. H. examinou o doente, acha que está em muito boas condições e muito bem medicado, por isso é de opinião que não se faça o transporte" Voltamos para Botafogo, e Julio poucos dias depois, estava restabelecido.

A prova de identidade que o espírito Dr. H. me deu é a que se vê do seguinte dialogo pelo telefone:

Dr. H.- Sr. d'Argonnel eu conheço o Sr. e toda a sua família. Residi, há mais ou menos 35 anos com meu pai e minhas irmãs, por cima da loja do seu irmão Fernando, na rua Visconde de Itaúna. Na esquina desta rua com a de Santa Rosa, havia a farmácia do Albino; ele bebia muito leite. Uma ocasião, derramou um vidro de clorofórmio na careca e amarrou-a com um lenço; eu fui chamado ás pressas para socorrê-lo, pois quase morreu asfiziado. Eu, mais de uma vez, tratei seu irmão de erisipela. Ele me apresentou seu pai, que era um homem corado, cheio de vida; que fim levou ele?

Eu. — Já desencarnou.

Dr. H. — "Provavelmente do coração".

Eu. — Exatamente.

Dr. H. — "Que noticias me dá de sua irmã?"

Eu. — Também já desencarnou.

Dr. H. — "Sem dúvida tuberculosa."

Eu. — Realmente, foi vítima dessa moléstia.

Dr. H. — Eu conheci-a menina; ela tinha tendências para isso Olhe Sr. d'Argonnel o Sr. chama-se Carlos; seu irmão da rua Visconde de Itaúna, chama-se: Fernando e o senhor ainda tem um irmão cego com o mesmo nome de seu pai Constante. Uma vez seu irmão Constante pediu-me que eu lhe receitasse, um remédio para lombrigas. Satisfiz-lhe. Ele foi mostrar a minha receita a um médico amigo que lhe disse: "O homem que receitou isso pensa que o senhor tem cobra, na barriga". Eu já soube que o senhor conseguiu uma receita d'aqui para sua mãe; o remédio, porém, não a vai curar, mas sim aliviá-la. As dores que ela sofre são provenientes da falta de um liquido nas articulações; e ela ainda pode ficar paralítica; mas não lhe diga isso. Tudo nessa vida se estraga, Sr. D'Argonnel."

Eu. — O Dr. não acha admirável esse sistema de comunicação de espíritos pelo telefone?

Dr. H. — "Acho. Creia que até hoje, só o senhor e os seus companheiros puderam conversar conosco pelo telefone.» (Nessa época, os espíritos ainda não se haviam comunicado em países estrangeiros por esse sistema)

Meu irmão Fernando era, de fato, estabelecido, havia 35 anos, mais ou menos, com loja de fazendas, na rua Visconde de Itaúna. No sobrado residia o Dr. H. com o pai e as irmãs. Meu irmão chamou mais de uma vez o Dr. H. para tratá-lo de uma erisipela. Na esquina desta rua com a de Santa Rosa, existia uma farmácia dirigida por um farmacêutico chamado Albino. Como eu ignorava os fatos narrados pelo espírito, Dr. H. fui, no dia seguinte, procurar os meus irmãos Fernando e Constante, e ergui-os. Eles, admirados, confirmaram tudo o que o espírito me havia narrado. Apenas meu irmão Fernando não se recordava do caso do clorofórmio; mas isso não é uma prova de que ele não tivesse ocorrido; talvez não chegasse ao seu conhecimento. Meu irmão Constante declarou-me que havia pedido ao Dr. H. quando vivo, que lhe receitasse um remédio para lombrigas. E dias depois, mostrando a receita ao Dr. Adolfo Mourão, em Catumbi, este lhe dissera: "O homem que receitou isso pensa que o senhor tem cobra na barriga.". Meu irmão Constante disse me ainda que alguns dias depois ele fez o Dr. H. ciente das palavras do Dr. Adolfo Mourão.

Continuemos o dialogo; convindo-notar que se acha na continuação abaixo, eu conhecia.

Assim, para que o espírito não percebesse que eu o estava experimentando, fiz as perguntas- como se eu desconhecesse o que o comunicante ia responder. E com cuidado para que as perguntas não favorecessem as respostas.

Eu. — O senhor já desencarnou há muito tempo?

Dr. H. — "Não senhor, há mais ou menos 2 anos." (Exato.)

Eu. — Desencarnou nesta Capital?

Dr. H. — "Não senhor, muito longe d'aqui, em Minas." (Exato.)

Eu. — Em que lugar de Minas?

Dr. H. — "Nas águas."

Eu. — O senhor estava fazendo uso de águas?

Dr. H. — "Não senhor, eu era dono de um hotel. (Exato). Este médico havia abandonado a clínica e comprado um hotel em Caxambu.

O leitor acaba de apreciar esta prova de identidade, fornecida por esse espírito pelo telefone, com a voz nítida, perfeita. No entanto, perguntando eu qual o nome do lugar de Minas onde se achava o hotel de sua propriedade, ele apesar de várias tentativas para me satisfazer, não conseguiu dizer: — Caxambu. Depois de ter eu esperado cerca de 5 minutos, o espírito falou: "Será São Lourenço"?

Respondi-lhe negativamente. O Dr. H. retorquiu: "Não me lembro senhor D'Argonnel. Olhe, não quero que o Sr. julgue que sou um intrujão por isso vou retirar-me".

Eu pedi, supliquei que continuasse a palestrar, a fim de poder ser apanhada a prova perfeita de sua identidade. Ele, porém, não me quis atender. O telefone chiou, e nada mais ouvi.

Qual a razão porque este espírito narrou com tanta exatidão, fatos ocorridos, havia muitos anos, e que me eram desconhecidos e no entanto, não pode lembrar-se do nome do local onde residia em Minas, isto é, Caxambu?

A cada passo o pesquisador encontra embaraços no estudo do problema da alma; esse problema é muito mais complexo do que geralmente se supõe.

Não sei se a comparação que se segue é de minha lavra ou o reflexo de alguma leitura.

Ela, porém, é necessária neste caso, por isso apresento-a.

Imaginal, leitor, que as vossas vistas percebem um lindo passarinho no vosso jardim. Ansioso por apanhá-lo, caminhais lentamente, pé ante pé, até estardes bem perto dele. Nesse momento, estendeis o vosso braço, e fazendo um rápido movimento com ele, tocais no passarinho, sentindo mesmo as penas roçarem nos vossos dedos; e quando julgais que o tendes preso em vossas mãos, ele se escapa e voa.

É o que acontece com as provas da sobrevivência dos mortos. Um espírito fornece algumas provas de sua identidade; mas quando se quer conseguir a prova absoluta, ele retira-se.

Às 7 horas da noite do dia do meu aniversário natalício, em 1918, o telefone de minha casa tocou. Fui atendê-lo. Depois do chiar acostumado, ouvi a voz do padre Manoel dizer: "D'Argonnel, cumprimento-lhe pelo dia de hoje, desejando que Deus lhe proporcione inúmeras felicidades. Não desligue o aparelho, pois Barreto vai orar por você."

Em seguida, ouvi a voz calma e vagarosa deste espírito orando por mim. E isso emocionou-me de tal modo que me senti pequenino, uma nulidade; e perguntava a mim mesmo qual o mérito que eu possuía para tamanha graça. Não me pude conter; as lágrimas saíram.

Depois de terminar a prece de Barreto, alguns irmãos do espaço pediram sucessivamente a palavra, e cada um falou por sua vez; como, porém, se exprimiam muito baixo, não pude perceber a que diziam.

Em seguida, um deles disse, com a voz alta, nítida: Sr. D'Argonnel, vou recitar um soneto intitulado: "A Caridade"

De fato, com o seu timbre de voz recitou um belo soneto.

Logo que terminou, o telefone chiou e nada mais ouvi. Imediatamente chiou de novo e a voz do padre Manoel surgiu "Ouviu, D'Argonnel; a festa que estamos fazendo é em honra a você Nós estamos todos reunidos. Só falta aqui a sua presença".

Você quer que eu desencarne e vá para aí? Perguntei eu.

"Não, não, nós precisamos muito de você aí na Terra; respondeu imediatamente o padre.

Depois, um outro espírito falou qualquer coisa que eu não compreendi.

O telefone chiou mais uma vez, e o padre assim se exprimiu: "Compreendeu, D'Argonnel o que este irmão acabou de dizer?"

Não, respondi eu.

"Foi o espírito chefe que veio dar ordem a nossa irmã Esther para cantar em honra a você, retorquiu o espírito.

Então, uma bela voz de moça começou a se fazer ouvir. Eu com o fone ao ouvido, percebia perfeitamente quando Esther aspirava para apanhar as notas agudas, e me achava em um estado de deslumbramento, de pasmo.

Quando o cântico terminou, ouvi fraquíssimas palmas e várias vozes muito baixas dizerem: Bravo! Bravo!

Logo que o cântico terminou, o telefone chiou, e a voz do padre perguntou-me se eu tinha apreciado.

Aprecei muito, respondi. Como se chama esse cântico tão belo?

"Não sei D'Argonnel, mas vou perguntar e já lhe digo", respondeu o espírito.

O telefone chiou com a retirada do comunicante, e pouco depois tornou a chiar; era o espírito que voltava.

"Esther mandou dizer, D'Argonnel, que ela cantou uma música sacra chamada "Ave Maria de Gounod", falou o padre.

Agora "d'Argonnel, continuou ele, você vai ouvir o hino Nacional tocado em flauta."

Com efeito, ouvi logo o som de uma flauta tocar o hino Nacional.

Logo que terminou, o padre disse: "Ainda não é tudo; você agora vai ouvir a Marselheza em flauta."

Realmente; flauta começou a tocar a Marselheza.

O som era tão forte que se ouvia, se bem que fracamente, a alguns metros do aparelho. E como a sua agudeza me incomodava vi-me obrigado a afastar o fone várias vezes do ouvido.

O padre Manoel, por fim, assim se exprimiu: "Agora, D'Argonnel, vamos terminar a manifestação. Você vai ouvir várias vozes cantando em coro e tornando-se cada vez mais fracas até desaparecerem.

De fato, as vozes começaram a cantar e foram-se tornando cada vez mais fracas, como se estivessem se distanciando, até que desapareceram. Estava terminada a manifestação que os espíritos tão imerecidamente me fizeram. Ella durou das 7 1/2 às 9 horas da noite.

Convém dizer que, em certo momento, eu cansado por me achar em pé longo tempo, pus o fone no gancho, desligando, portanto, o aparelho, e sentei-me em

frente. Imediatamente a campainha do telefone tocou e o padre disse: "D'Argonnel, não desliga o aparelho, senão você estraga todo o nosso trabalho."

Os meus parentes que, da sala de jantar me ouviam falar ao telefone, aproximaram-se de mim e, deslumbrados, diziam em voz baixa: Meu Deus! Que coisa admirável! Se contarmos ninguém acredita! Um deles aconselhou-me não narrar a pessoa alguma o que se estava passando, pois o fato era tão assombroso que ninguém nele acreditaria, e eu ia expor-me ao ridículo.

No dia seguinte, o espírito Antonio declarou-me, pela tipologia, que fora o padre Manoel quem ideara a manifestação, mas que o programa havia sido organizado por Barreto. Eu elogiei a voz de Esther; e Antonio disse: "Não é só a voz que, é atraente; Esther é também uma beleza." E vocês, perguntei, apreciam as belezas aí no espaço? O espírito respondeu: "Nós olhamos para elas com indiferença."

Na noite de 25 de Agosto de 1918, desejei apreciar cânticos de espíritos pelo telefone. Liguei, pois; o meu aparelho para o da casa de Abelardo (médium), e expondo a minha intenção, pedi-lhe que não se afastasse do telefone; desse modo, além de estar eu com o médium á disposição dos espíritos, ficava livre de ser incomodado pela telefonista. Com o fone ao ouvido, chamei com a voz natural, o padre Manoel. O telefone começou a chiar, e a voz desse espírito disse: "Que a paz do Senhor esteja convosco. Deseja alguma coisa de mim, D'Argonnel?"

Eu, então, externando a minha intenção, pedi-lhe que convidasse Esther para cantar. "Vou ver se a encontro, respondeu o espírito."

Pouco depois, o telefone chiou. Era o padre que chegava em companhia da cantora, que, com a sua voz de moça, disse: "Boa noite, senhor D'Argonnel. Apresento-lhe a minha prima Olga e o tenor José."

Olga, com voz de moça, inteiramente diferente da de Esther, cumprimentou-me e conversou comigo durante alguns minutos. Depois, o tenor José, com voz muito forte, de homem, assim se exprimiu: "Boa noite Sr. D'Argonnel; eu vim cantar mas não fazer concorrência a Esther. Que opera o senhor quer ouvir?" Eu dei-lhe o nome de uma opera; ele, porém, respondeu: "Desta com franqueza, não me lembro. Veja outra."

Então, pedi-lhe que cantasse: a Tosca, o Trovador, Aida, o Salvador Rosa etc.

José começou a cantar com uma voz tão forte que era percebida a alguns metros de distância do aparelho.

As pessoas de minha família que se achavam na sala de jantar e que tinham ouvido as palavras que eu havia dirigido aos espíritos, aproximaram-se vagarosamente de mim.

Eu entreguei o fone a uma dessas pessoas que, depois de apreciar o cântico, passou-o ás outras. Todas estavam boquiabertas, diante, deste espetáculo grandioso, sublime, que pela primeira vez na vida, contemplavam. Eu, nesse momento, me achava a dois metros do telefone, ouvindo perfeitamente a voz do tenor.

No dia seguinte, ás 8 horas da noite, o padre chamou-me pelo telefone, e repreendeu-me severamente, por ter eu permitido que diversas pessoas fossem testemunhas do fenômeno das vozes de espíritos pelo telefone, dizendo-me: "Eu já lhe avisei, D'Argonnel, que esse fenômeno não pode ser mostrado a ninguém sem

autorização do chefe; as ordens aqui são muito severas, e têm de ser cumpridas á risca. Você infringiu as minhas recomendações, por isso, vai ser privado desse novo sistema de comunicação."

Respondi-lhe que a infração cometida era resultante de um entusiasmo de momento e, a meu ver, um incidente sem importância; e perguntei-lhe qual o meio de não ser levada avante essa pena.

O padre respondeu-me que só por meio da prece, talvez eu pudesse conseguir isso.³

Nessa ocasião, esse espírito perguntou-me qual era o número do telefone de Frei Solanus (Gustavo Machado). Eu lhe disse. O telefone começou a chiar e parou sem mais nada eu ouvir.

Cerca de 5 minutos depois, o meu telefone tocou. Era Frei Solanus que me dizia ter o padre Manoel se comunicado com ele naquele momento, pelo telefone, narrando a infração em que eu incorrera e aconselhando o poderoso auxílio da prece, segundo a expressão do meu dedicado amigo Frei Solanus, para ser restabelecido esse sistema admirável de comunicação.

A pedido de Frei Solanus, dirigi-me várias vezes á sua residência; ele e sua Exma. Senhora oravam, e eu os acompanhava respeitosa e humildemente.

Seis dias depois, uma voz estranha de espírito falou comigo á noite pelo telefone, dizendo; "Que a paz do Senhor esteja convosco." sou um espírito que fala com o senhor pela primeira vez. Vim aqui em missão especial, declarar que as preces foram atendidas De depois de amanhã em diante, os espíritos continuarão a conversar com o senhor pelo telefone Que a paz de Deus continue sempre no vosso lar. Adeus!" O telefone chiou e estabeleceu-se o silêncio.

De fato; no dia marcado ás 9 horas da noite, restabeleceu-se o extraordinário e curioso sistema de comunicação dos espíritos.

Em Novembro de 1918, o padre comunicou-se comigo á tarde, pelo aparelho telefônico, dizendo: "D'Argonnel, descobri aqui um folheto com 77 paginas, de J. da Silva, intitulado "Mistérios do espiritismo. Vou ler algumas paginas para você ouvir."

O espírito leu por espaço de 15 minutos mais ou menos, com a voz rouca porem alta. No meio da leitura, ele disse: "Espere d' Argonnel, vou virar a pagina." Continuou a leitura e parou um pouco para observar: "Esse autor é um tolo, pois diz que nós somos demônios, e nos representa no livro por uma figura com asas semelhantes ás de um inseto que vocês aí na Terra chamam louva-deus".

Perguntei-lhe se no folheto havia indicação da livraria onde ele se achava á venda. O padre respondeu-me: "Há sim D'Argonnel, um carimbo oval no qual se lê: Viúva Azevedo, rua da Uruguaiana 29 livraria."

Eu desconhecia a existência desse folheto. Narrei essa comunicação ao meu amigo e confrade Aurélio de Figueiredo já falecido e fomos ambos á livraria indicada verificar. Lá de fato encontramos o folheto "Mistérios do Espiritismo" com

³ Estou narrando os fatos como se passaram, sem contudo ficar na obrigação de acreditar nas palavras dos espíritos.

77 paginas, tendo urna figura com azas assemelhando-se a um louva-deus. Nesse exemplar não havia nenhum carimbo.

Uma noite, oito espíritos com vozes femininas falaram comigo pelo telefone; cada um com um timbre diferente de voz. Perguntei a um deles onde residia. A resposta foi: "Sr. D'Argonnel, nós não temos residência."

Cinco espíritos disseram-me pelo telefone, em dias diferentes, com voz forte de homem, o seguinte : "Sr. D'Argonnel, nós somos a essência dos corpos." "Eu fui parente da vossa carne." "Se eu tivesse vivido mais tinha gozado do progresso." "A Terra é um lago de lama" "Nós somos quase humanos."

Em Janeiro de 1919, eu me achava na casa de Abelardo, e este estava jantando. Dirigi-me ao telefone junto á sala de jantar e comuniquei-me com o Figner. Eu e este confrade estávamos conversando, quando o telefone chiou e a voz do padre surgiu, começando a conversar conosco. O Figner disse logo: "E' a voz do padre! Eu respondi-lhe afirmativamente. Se alguém estivesse ao meu lado ouviria três vozes diferentes: a minha, a do Figner e a do espírito. Eu, de vez em quando, lançava os olhos para Abelardo, médium a fim de verificar se ele tinha percebido que o espírito se havia imiscuído na conversa; mas Abelardo comia com tanta satisfação que não olhava para mim. Eu fiz o padre ciente de que o médium estava jantando, e perguntei se queria que o chamasse. O comunicante respondeu: "Não, d'Argoonel, pois não me posso demorar." Ele ainda conversou um pouco; depois disse: "Adeus, D'Argonnel! Adeus, Figner!" Eu e o Figner dissemos: Adeus, padre! O telefone chiou e o comunicante retirou-se. Eu e o Figner, antes de nos despedirmos ainda trocamos algumas palavras a respeito dessa comunicação inesperada.

Quando me sentei á mesa na sala de jantar, narrei a Abelardo o que se tinha passado.

Certo dia de 1918, á meia noite, estava eu lendo algumas paginas do magnífico livro "LETTERS FROM JULIA" de W. T. Stead, no meu quarto da casa onde então residia, á rua Martins Ferreira, em Botafogo. Todos dormiam e a casa estava fechada.

Como a Secretaria onde eu trabalho, na Praça 15 de Novembro, está fechada e ás escuras á noite, pois ninguém nela reside, tive, naquele momento, a ideia de apanhar uma boa prova das vozes de espíritos pelo telefone, para ser publicada neste livro.

Fui, pois, ao meu telefone, que estava na parede do meu quarto, e pedi á telefonista, ligação para o telefone da Secção de Contabilidade, onde eu trabalhava.

Feita a ligação, o telefone começou a chiar e eu ouvi algumas palavras. Pensando, porém, que a telefonista houvesse feito ligação errada, perguntei: Quem fala? Resposta: "Sou eu D'Argonnel; (era a voz do padre) eu ouvi você pedir a telefonista ligação do seu telefone para o da sua Secretaria e corri para aqui, a fim de lhe dar essa prova. Estou no meio de mesas e cadeiras, fazendo o papel de continuo da Secretaria da Viação. Nesta redondeza parece que há malfeitores, pois o ambiente aqui é péssimo; por isso não me posso demorar. Adeus!, d'Argonuel!" O telefone chiou; nenhuma voz mais ouvi.

Agora, pergunto ao leitor, qual seria o gaiato que poderia adivinhar que eu ia fazer á meia noite, no interior de minha casa, essa experiência que foi por mim

imaginada exatamente àquela hora? Ainda mais, como poderia o gaiato imitar, com toda perfeição, a voz do padre Manoel, com a qual eu já estava, naquele tempo, tão familiarizado? Isso seria possível?

No dia 13 de Fevereiro de 1919, á tarde, fui ao cinema "Avenida". Quando entrei, a fita já estava correndo na tela; e devido á escuridão, não pude procurar lugar para me sentar. Fiquei, pois, em pé na plateia, junto á parede, até que a sala fosse iluminada, a fim de eu poder procurar uma cadeira desocupada.

Enquanto a plateia estava quase às escuras, notei que um senhor se havia colocado ao meu lado esquerdo. Nesse momento, veio-me á ideia que esse senhor poderia interceptar a vista de uma senhora que se achava sentada também á minha esquerda, e ela reclamar.

Na fita, via-se um homem raptar o filhinho de uma princesa e jogá-lo em um poço seco, onde se achava um leão que o devia devorar.

Terminada a sessão, retirei-me para casa sem dizer a ninguém que eu tinha ido ao cinema naquele dia.

A 1 hora da madrugada, o meu telefone tocou. Levantei-me da cama para atende-lo. O timbre da voz do padre Manoel se fez ouvir, depois do chiar acostumado: "Então, D'Argonnel, você foi ontem ao cinema..." Fui; você me viu? "Eu estava na porta quando você entrou, e acompanhei-o. Você ficou em pé do lado de dentro. Não notou que um homem se colocou ao seu lado?" Notei perfeitamente, e tanto assim que fiquei receoso que esse homem interceptasse a vista de uma senhora que estava ao meu lado esquerdo, e ela reclamasse. "Pois bem D'Argonnel, esse homem era eu materializado, com um fraque igual ao seu; e estava segurando um programa que havia encontrado no chão". De quem você tirou a força para se materializar? A maior parte tirei de você, e a restante, da senhora que estava ao nosso lado. Muitas vezes, vocês são acompanhados por dois ou três de nós sem o saberem". Porque não bateu no meu ombro dizendo quem era, para conversarmos? "Porque eu não tinha ordem para isso. Eu já lhe disse que nós aqui nada podemos fazer sem ordem superior. Que bonita fita, D'Argonnel! Você lembra-se da ocasião que o homem atirou a criança no poço para ser devorada pela fera?" Lembro-me, padre.

Você estava na porta esperando por mim ? "Não, D'Argonnel, o nosso encontro foi uma coincidência. Vai dormir. Adeus!" O telefone chiou, e o meu relógio marcava 1 hora e um quarto.

No dia seguinte á noite, fui á casa de Abelardo (médium), que ignorava ter eu ido ao cinema e haver o padre Manoel falado comigo pelo telefone sobre o meu encontro com ele.

Eu e o médium colocamos as mãos sobre a mesa, com luz suficiente. Chamei o padre, que logo se apresentou dando esta comunicação por pancadas batidas diretamente na mesa: "Que a paz do Senhor esteja convosco. E' como lhe disse, ontem á noite pelo telefone, D'Argonnel; a fita que apreciamos no cinema "Avenida" era linda". Depois, dirigindo-se ao médium disse: "Bibi (apelido do médium), o D'Argonnel dorme com as galinhas". (Esta ultima alusão é porque eu desde alguns anos, costumo recolher-me muito cedo ao leito, salvo as ocasiões em que vou a sessões ou visitar algum amigo).

O padre ainda conversou um pouco; depois despediu-se.

Por essa comunicação inesperada em casa do meu sobrinho, médium, vê-se que eu não fui vítima de nenhum gaiato, e que, de fato, o encontro no cinema é um caso perfeito de manifestação espírita. Demais, quando o espírito á 1 hora da madrugada, começou a falar, pelo telefone, sobre o encontro, reconheci-o logo pela voz, pois era o mesmo timbre de 2 anos passados.

Um gaiato não me poderia dar as provas que os espíritos me têm dado pelo telefone, que se acham narradas neste livro. E ficaria aborrecido de me mistificar desde 10 de Dezembro de 1917 até a data em que publico este livro (Fevereiro de 1925), há 8 anos. Seria um gracejo de mau gosto com o qual o próprio gaiato é que ficava mistificado.

Para o leitor ter certeza de que, realmente, são espíritos que falam comigo pelo telefone, lembrarei o seguinte: 1º. A Comunicação que o padre Manoel me deu á meia noite, da Secretaria da Viação á Praça 15 de Novembro; prova imaginada e executada por mim àquela hora, em Botafogo.

2º. O caso do remédio que o doente levava para Palmeiras, que não estava á venda, e que o espírito disse não poder dar opinião sobre o remédio porque não o conhecia, como adiante se verá.

3º. Os casos em que Abelardo, médium, se achava ao meu lado junto ao telefone e o padre, utilizando-se da força desse médium, falava na mesma ocasião, comigo, pelo aparelho.

4º. A chamada do padre, feita por mim na mesma ocasião que eu desejava, como na noite de 25 de Agosto de 1918; a chegada de Esther, de Olga e do tenor José; o cântico feito com timbres diferentes de voz, tudo no mesmo momento. Se o fenômeno não fosse real, o gaiato deveria adivinhar que eu ia pedir cânticos espirituais naquele momento a fim de ter ao seu lado, dois homens e uma senhora para fazerem o papel do padre Manoel, do tenor José e de Esther. Isso, porém, não poderia de forma alguma acontecer: a) porque a chamada do padre, a sua retirada para ir buscar Esther e a sua volta foram postas em pratica no mesmo momento; b) porque o timbre das vozes do padre e de Esther, eu já o tinha naquela época nos ouvidos, de sorte que reconheceria logo uma imitação;

5º. Os casos em que os espíritos falaram comigo línguas estrangeiras que eu e o médium ignoramos por completo.

Em uma sessão de tipologia a que eu assistia, em casa do Figner, o padre conversou com este confrade por pancadas diretas na mesa e pediu que toda a família Figner no dia seguinte ao meio dia, estivesse reunida junto ao telefone, orando, pois ele queria ver se conseguiria força para falar pelo aparelho.

No dia e hora designados, a família Figner estava a postos. Quando a campainha do telefone tocou, o Figner pôs o fone ao ouvido. Era o padre que havia conseguido comunicar-se.

Logo que o espírito se despediu, uma das pessoas da família Figner me telefonou dando conta do ocorrido.

Duas vezes no meio do dia e uma vez á noite, estando eu em casa do Figner, o padre conversou com este confrade pelo telefone. Eu me achava junto ao aparelho testemunhando o caso.

Como era costume meu importunar o padre, insistindo constantemente para que ele me fornecesse a prova absoluta da comunicação dos espíritos pelo telefone,

ele uma ocasião respondeu-me que eu não devia ser apressado, querendo provas sobre provas, pois tudo vem a seu tempo. Disse-me mais que se os espíritos dessem todas as provas que os homens pedem, haveria uma transformação súbita nas ideias, e as religiões desapareceriam rapidamente, o que ainda não convém; que se as pessoas caras desencarnadas pudessem comunicar-se com facilidade pelo telefone, todos nós ficaríamos loucos de amor, porque ouviríamos a voz do ente querido sem todavia podermos vê-lo.

Certa noite, às 9 horas, o meu telefone tocou; fui atendê-lo. Depois do chiar, começou a se fazer ouvir a voz de um irmão que eu não conhecia. Ele disse-me: "Sr. D'Argonnel, eu vou imitar a roça de madrugada".

Ouvi logo o som de badaladas dando 4 horas; depois o de galinhas cacarejando, de galos cantando, de vacas e cabras berrando.

No meio desse barulho, surgiu a voz forte do espírito: "Levanta-te, alma do diabo, sai da cama estupor, vai dar milho ao gado".

Outra noite, pelo telefone de minha casa, falou um irmão dizendo: "Sr. D'Argonnel; vim falar hoje com o senhor pela primeira vez. Vou assobiar uma música bastante terna, composição minha".

Quando ele terminou o assobio, eu disse que havia apreciado muito a composição dele; e assobieei a primeira parte de uma música, também muito sentimental, e pedi ao irmão que a reproduzisse o que ele fez com toda perfeição.

Depois, o próprio espírito pediu-me que eu assobiasse a segunda parte. Satisfiz-lhe, e disse-lhe que ele a reproduzisse. O comunicante respondeu-me: "Não posso, Sr. D'Argonnel, ela é difícil; tem muitas variações."

Uma vez, há alguns anos, às 2 horas da madrugada, o meu telefone tocou. Era o espírito Esther. Eu fiz lhe ver o inconveniente de me incomodar àquela hora. A comunicante respondeu: "Queira desculpar, Sr. D'Argonnel, fazê-lo sair dos seus cômodos a esta hora; mas o senhor não deve ignorar que, sem médium, nós não temos nenhuma ação na Terra; sem médium nós não podemos distinguir as horas nos relógios; e neste momento não encontrei nenhum. O padre Manoel não podendo vir até aqui, pediu-me que lhe dissesse que na rua D. Mariana n.º 36 não há telefone." Eu agradei à irmã e ela retirou-se. (Dias antes, eu havia pedido ao padre Manoel que falasse para a casa de um confrade, á rua D. Mariana n.º 36. Depois dessa comunicação de Esther, verifiquei que eu me havia enganado, pois a casa do confrade para onde eu queria que o padre falasse não era n.º 36, mas sim 66; e no n.º 36 não havia telefone.

Em Maio de 1920, depois de terminar a sessão religiosa da casa do meu amigo Sr. Valentim Peres de Oliveira Filho, então Avaliador privativo da Fazenda Nacional, no Leme, fui ao telefone que se achava na parede da sala das sessões, com o intuito de pedir ligação para a casa de Abelardo (médium), em Botafogo, a fim de tentar a presença do padre e com ele eu palestrar pelo aparelho.

Em vez, porém, da voz da telefonista, ouvi uma voz forte de homem dizer: "Sr. D'Argonnel, eu me chamo Austragesilo Pereira da Cunha, e sou desconhecido do senhor."

Depois de conversarmos um pouco, o espírito começou a assobiar forte. Pedi-lhe que assobiasse a Marselheza, o Hino Nacional, etc. Duas senhoras que

estavam sentadas a 4,50 de distancia, ouviam, se bem que fracamente, o som do assobio.

Toda a família Valentim achava-se ao meu lado apreciando. Eu, lembrando-me da repreensão que o padre Manoel já me havia passado quando, em minha casa, entreguei o fone a diversas pessoas para serem testemunhas desse admirável fenômeno de vozes, tentei iludir o espírito.

Fui, então, tirando o fone do meu ouvido colocando-o, com rapidez aos ouvidos das pessoas presentes. O espírito, com voz muito alta e de quem estava contrariado gritou "Sr d' Argonnel não passa esse tubo aí a ninguém."

Uma das senhoras disse imediatamente: "Meu Deus! Como o espírito pode saber que o senhor estava passando o fone!"

Todas as pessoas presentes ficaram pasmadas, por ter o comunicante protestado na mesma ocasião em que eu passava o fone, e isso dentro das 4 paredes de uma sala de jantar.

Se houvesse a menor duvida sobre a realidade da comunicação de espíritos pelo telefone, essa duvida desapareceria nesse momento, com o protesto do espírito, pois era uma prova muito forte em favor da sua autenticidade.

Quando terminou essa bela sessão de assobios, o comunicante falou: "Agora Sr. d'Argonnel" vou tocar um pouco do meu violino para o senhor ouvir; antes, porém, vou afiná-lo. E logo, eu com o fone ao ouvido, e as pessoas ao meu lado, começamos a ouvir o som do violino que estava sendo afinado.

Terminada a afinação, pedi ao irmão que esperasse um pouco, pois eu ia atrair Esther para ela cantar a "Ave Maria" de Gounod a fim de ser acompanhada ao violino. O comunicante concordou, satisfeito, com essa ideia.

Comecei, pois, com o fone ao ouvido, a chamar Esther, com a voz natural. O telefone chiou, e esse espírito feminino, com a sua voz já muito conhecida, apresentou-se dizendo: "Boa noite Sr. D'Argonnel; há tanto tempo que nós não nos vemos. Deseja alguma coisa?"

Eu expliquei a minha intenção, e Esther respondeu: "Pois não, com todo o prazer!"

Começou, então, a coisa mais maravilhosa que se pode imaginar. Esther cantando alto a "Ave Maria" de Gounod e Austragesilo acompanhando-a ao violino. Que beleza! Que maravilha!

Descrever o entusiasmo de que todos estavam possuídos é impossível; só quem estivesse na ocasião na sala, poderia avaliá-lo.

Logo que essa manifestação terminou, o Dr. Otto Assunção, cunhado do Sr. Valentim, alegando estar com muito sono, disse, em voz muito baixa, que se ia deitar; e foi subindo a escada do sobrado. Nesse momento, ouviu-se pelo telefone, o som de uma corneta tocando "recolher."

Por fim, os espíritos despediram-se; o telefone chiou; estava tudo acabado. Eu quis, naquele momento, fazer Abelardo, residente em Botafogo, ciente do que se tinha passado.

Tirei, pois, o fone do gancho, coloquei-o ao ouvido e pedi á telefonista ligação para a casa de Abelardo. Logo que este falou, eu lhe disse que ia narrar a sessão d'aquela noite; o telefone , porém, deu um estalido, ficando cortada a comunicação com Abelardo. O espírito, então, falou: "Eu não consinto que você

narre hoje ao médium a sessão." Mais duas vezes, tentei a comunicação, mas sempre surgia a voz do espírito: "Eu já disse que não consinto falar hoje ao médium"; De fato, só no dia seguinte, pude fazer Abelardo ciente de que ocorrera.

Eis o que a respeito escreveu o Sr. Valentim Peres de Oliveira Filho, pessoa da maior respeitabilidade, muito conhecida no Foro e residente à rua Goulart 77 Copacabana:

Prezado amigo Sr Oscar D'Argonnel.

Ainda perdura em meu espírito a agradável impressão da sessão espírita pelo telefone, em minha casa, sob a sua inteligente direção.

Por muito tempo ainda, perdurará, de certo, envolta num misto de admiração e de entusiasmo. Felizes aqueles que tiveram a ventura de assistir a uma sessão dessa natureza, porque em seus espíritos não poderá subsistir um só resquício de duvida sobre a existência dos espíritos e a sua comunicação com os encarnados. Todas as provas foram bastante nítidas e irrefutáveis quanto á impossibilidade de fraude; os espíritos falavam com muita clareza. O aparelho telefônico, por ultimo, adquiriu tal intensidade que as conversas dos espíritos puderam ser percebidas a uma distância de 4,50m. O espírito assobiou diversas óperas e a Marselheza; e também fez observação sobre o que se passava um torno de nós. Por exemplo, quando o senhor, encostou o fone ao meu ouvido, depois de pedir a repetição de uma frase, o espírito disse que o senhor não passasse o tubo a ninguém. E quando o Dr. Otto me disse baixinho ao meu ouvido que, se ia recolher a seus aposentos por já ser tarde, todos ouviram o som de uma corneta imitando perfeitamente o toque de "recolher". Por ultimo, falou o espírito de Esther; com a sua voz clara, cumprimentou o senhor e, a seu pedido, cantou a "Ave Maria de Gounod", acompanhada ao violino; coisa incrível!

Todos assistentes ficaram maravilhados, pois o aparelho chegou quase a ter a intensidade sonora de um gramofone.

Medi com a minha trena, a maior distancia em que estavam alguns assistentes e achei 4,50m.

Depois, para ficar bem comprovada a ausência de fraude, basta a tentativa que o senhor fez, para transmitir ao médium seu sobrinho a noticia dos resultados obtidos na sessão: o espírito de Austragesilo opôs-se a isso; três vezes o senhor tentou fazer essa comunicação mas o espírito sempre desligava o aparelho com ruídos e estalidos dentro do mesmo, e dizendo que não consentiria naquela ocasião ser narrada a sessão ao médium.

Enfim, para não me tornar muito prolixo com essas recordações, termino aqui, mostrando o meu entusiasmo por tantas maravilhas e agradecendo ao meu prezado amigo por me ter proporcionado tão agradáveis momentos.

Do amigo e confrade

Valentim Peres de Oliveira Filho

Pessoas que se achavam presentes:

Valentim Peres de Oliveira Filho, sua senhora D. Adelina Motta de Oliveira e seus quatro filhos menores. Dr. Otto Assumpção e sua senhora D. Regina Assumpção. D. Thereza do Rosário Guimarães (já falecida) e sua filha D. Ernestina Guimarães.

No dia 1º de Novembro de 1922, O padre Manoel telefonou-me dizendo: "D'Argonnel baixei de propósito para lhe lembrar que amanhã é dia das almas (dia de finados) não se esqueça de orar por elas e de distribuir alguns óbolos aos pobres. Neste momento, telefonei ao Dr. X. (ele não quer que o seu nome seja publicado, apesar de estar convencido da comunicação dos espíritos pelo telefone), pedindo a mesma coisa. Adeus!"

A' noite o Dr. X disse-me que o padre Manoel lhe havia feito o mesmo pedido pelo telefone.

Em Agosto de 1921, dia do meu aniversario natalício, estava eu ás 8 horas da noite conversando pelo telefone do cinema Americano, em Copacabana, com

Abelardo, residente em Botafogo, quando a voz do espírito padre Manoel se imiscuiu na conversa dizendo apenas; "D'Argonnel, Deus te abençoe". E retirou-se.

Na noite de 27 de Maio de 1922, este espírito estava conversando comigo pela tipologia, em casa de Abelardo. Pedi-lhe que levasse um médico do espaço á Palmeiras, onde se achava por conta do "Grupo de Espiritismo Experimental", um moço de pouco mais de 20 anos tuberculoso, já desenganado pela medicina oficial, e que o médico do espaço desse a sua opinião sobre o remédio que o enfermo estava tomando.

O espírito respondeu que faria o possível para me satisfazer, e que me daria a resposta pelo telefone.

Dois dias depois, cerca das 3 horas da tarde, o espírito disse-me pelo telefone, que o médico já havia examinado o doente, em Palmeiras, e que aconselhava tonificá-lo com injeção de cocadilate de sódio, uma ampolia por dia. Quanto ao remédio que o doente estava tomando, o médico mandava dizer que não conhecia, (Esta resposta relativa ao remédio é interessante. Como se tratava de um caso perdido e o amigo de um conhecido confrade fabricava um xarope para seu uso próprio e que era de grandes resultados para tosses e fraqueza pulmonar pedi lhe que me cedesse uma garrafa desse medicamento, a fim do doente ir tomando até chegar o que já havia sido receitado pelo médico. Esse medicamento era, pois, desconhecido).

Fui saber a opinião dos farmacêuticos, meus vizinhos, Srs. Demóstenes Martins de Oliveira e Raul R. Azevedo, a respeito do remédio receitado pelo espírito. Eles responderam que eu podia empregá-lo sem receio, pois cocadilato de sódio é um excelente tônico.

Na quinta feira seguinte, um dos membros do "Grupo de Espiritismo Experimental" seguiu com a caixa de ampolas para Palmeiras. O irmão da proprietária da Pensão prontificou-se a dar as injeções.

Tendo poucos dias depois, o doente se queixado de muita tosse, pedi ao padre Manoel, quando ele conversava comigo pela tipologia, em Botafogo, que levasse de novo, o médico a Palmeiras a fim de receitar um remédio para tosse, e que me desse a resposta pelo telefone.

No dia 3 de Junho de 1922, este espírito conversou comigo pelo telefone, sem se referir ao doente. Eu perguntei-lhe se ele tinha esquecido do meu pedido.

A resposta foi: "Já sei D'Argonnel, que estou em falta com você; mas ainda não encontrei o médico."

Continuamos a palestrar; e por fim o espírito retirou-se depois do chiar do telefone.

Cerca de três quartos de hora depois, o padre comunicou-se pelo mesmo telefone dizendo: "Já levei o médico a Palmeiras. Ele receitou: "Gouttes Nican", é remédio francês; o doente deve tomá-lo de acordo com o prospecto e com urgência. O médico manda ainda dizer que é preciso cuidado, pois o remédio é venenoso."

Tratando-se de um medicamento venenoso, eu não quis aplicá-lo sem primeiramente ouvir o médico, que não ignora as minhas relações com o Além. Dirigi-me, pois a ele que, depois de me ouvir, aprovou os medicamentos e prontificou-se a receitar as "Goutes Nican" a fim de não haver dificuldade em comprá-las.

Adquirido esse medicamento, um membro do "Grupo de Espiritismo Experimental" levou-o para Palmeiras.

O doente melhorou extraordinariamente da tosse; mas continuava a sentir-se mal, devido ao ventre que se estava tornando volumoso, o que lhe produzia falta de ar.

À vista disso, o doente desceu de Palmeiras e apresentei-o ao médico que, depois de examiná-lo, me chamou à parte e disse que se tratava de um caso grave, pois a ascite já se havia manifestado, e o moço precisava ser, sem demora, operado.

Expus à mãe do rapaz, também protegida pelo "Grupo de Espiritismo Experimental" o estado do filho, e aconselhei-a a permitir que ele fosse internado num hospital, a fim de ser operado.

Depois da operação, o doente poucos dias teve de vida.

No dia 24 de Maio de 1924 á noite, eu estava em visita á família Figner. A senhora deste confrade escreveu um cartão que deveria ser enviado no dia seguinte ao médium, pedindo uma sessão para a noite de 26, aniversário natalício de um falecido filhinho da mesma senhora.

Só eu e a família Figner é que sabíamos da existência desse cartão.

No dia seguinte, antes das 2 horas da tarde, o padre comunicou-se comigo pelo telefone e disse-me: "D'Argonnel, D. Esther (senhora do Figner) já enviou o cartão ao Bibi (médium) pedindo uma sessão para hoje".

Eu respondi-lhe que me achava admirado de se referir a esse cartão de cuja existência só eu e a família Figner sabíamos. O espírito respondeu: "Então você julga que quando nós queremos saber de alguma coisa da Terra não conseguimos? Estive conversando com seu irmão Constante (pai de Abelardo e já falecido); ele pediu-me que lhe dissesse que teria muito prazer em conversar frequentemente com você e o filho, mas que ele tem de obedecer às leis do mundo espiritual".

Á noite, realizou-se a sessão esperada em casa do Figner.

O padre conversou com as pessoas presentes pela tipologia e perguntou ao citado confrade qual a razão por que não orava por ele, depois dirigindo-se a mim, disse: "D'Argonnel, apreciou a minha conversa hoje pelo telefone? Você deve estar admirado desse novo sistema de comunicação; e eu mesmo me admiro como posso consegui-lo".

Em dezembro de 1920 á 1 hora da tarde, o espírito padre Manoel telefonou para a Repartição onde trabalho e perguntou-me se eu queria escrever urna frase em latim.

Respondi-lhe afirmativamente e fui buscar lápis e papel.

O espírito começou a ditar, mas como eu não conheço latim, lutei com certa dificuldade para compreender.

Depois de serem as palavras repetidas várias vezes, consegui apanhar a comunicação. Ei-la:

"Non deest generoso in pectore virtus".

A meu pedido o padre traduziu:

"Em um peito generoso não falta virtude".

No mesmo momento, fui procurar o Dr. Z. na mesma Repartição, e consultei se a frase estava correta. Ele respondeu-me que supunha que a frase correta seria: "In pectore generoso non falit virtus".

À noite, houve sessão em casa do Figner. Tendo o padre se manifestado, eu disse-lhe que supunha estar errada a frase que ele me havia ditado pelo telefone.

Ele respondeu: "Não está errada não D'Argonnel; e até é uma frase clássica".

No domingo seguinte, estando em minha casa Frei Solanos (Gustavo Macedo) e o médium, conversei com o padre pela tipologia. No meio da conversa, o espírito disse: "D'Argonnel, já descobri a página de um livro onde se acha a tal frase em latim. Se eu conseguir apoderar-me dela, a transportarei para junto de você na primeira ocasião que nos encontrarmos".

Alguns dias depois, achava-se no bonde em que entrei, o Sr. Napoleão Reis, colega do Ministério das Relações Exteriores e homem muito ilustrado, profundo conhecedor de vários idiomas, e latinista. Aproveitando a oportunidade, narrei-lhe o fato de que trato e perguntei qual das duas frases era a correta. Ele leu ambas e respondeu: "Sem dúvida é a do padre Manoel, pois é até um latim clássico".

Posteriormente, em uma sessão na casa da Exma. Sra. D. Guiomar Alvim de Figueiredo Ramos, à rua Marquez de S. Vicente nº 256, Gávea, o padre Manoel comunicou-se dizendo: "D'Argonnel, já estou de posse da página do livro onde se acha a frase em latim; faça escuridão conservando todos as mãos sobre a mesa e esperem, pois quero ver se poderei transportá-la para aqui".

Pouco depois, o espírito disse "Podem iluminar a sala e procurar".

Assim fizemos, mas nada encontramos.

Eu, porém, batendo casualmente com o braço esquerdo no bolso do meu paletó, senti que nele havia um papel. Tirei-o do bolso: era um pedaço da página de um livro com diversas palavras religiosas em latim, impressas, e com a frase: "Non deest generoso in pectore virtus". Como o padre havia ditado pelo telefone.

Lavrou-se a seguinte ata:

Sessão em 2 de Janeiro de 1921.

Nós, abaixo assinados reunimo-nos no dia 2 de Janeiro de 1921 às 9 horas da noite, na casa da Exma. Sra. D. Guiomar Alvim Figueiredo Ramos, à rua Marquez de S. Vicente n. 256, Gávea.

O espírito padre Manoel comunicou-se pela tipologia nos seguintes termos: "D'Argonnel, já estou de posse do pedaço da página onde se encontra impressa a frase em latim. Faça escuridão absoluta nesta sala e fiquem todos com as mãos na mesa, no maior silêncio, pois quero ver se poderei fazer o transporte do pedaço da página para aqui".

Fizemos o que o espírito pediu.

Passados alguns minutos, o padre deu nova comunicação tiptológica: "D'Argonnel, já fiz o transporte. Pode iluminar a sala e procurar".

Feita a claridade, procuramos por baixo e por cima da mesa, sem nada encontrar.

O Sr Oscar D'Argonnel, casualmente, levou a mão ao bolso esquerdo do seu paletó e lá encontrou o pedaço da página procurado, com cerca de 60 palavras religiosas em latim, impressas, tendo atravessada a frase: "Non deest generoso in pectore virtus".

O padre declarou que ele havia transportado aquele papel de uma igreja, cujo nome não quis revelar.

Oscar D'Argonnel (Carlos O. Ramos). Abelardo de Figueiredo Carvalho Ramos. D. Guiomar Aliim de Fzgueiredo Ramos. D. Haria Jzabel Costa. D. Dolores de Oliveira Carneiro. D. Dora Costa.

Fred Figner dá a seguinte narração da uma convincente palestra que ele teve pelo telefone, com o espírito padre Manoel:

"No dia 31 de Março de 1921, véspera da minha viagem ao Pará, estava eu em meu escritório á rua Sete de Setembro, dando instruções ao meu empregado, Sr. Vasconcellos, a respeito de certos negócios, quando o empregado Sr. Ferreira se aproximou de mim e me cientificou que alguém me chamava pelo telefone.

"Continuei a falar com o Sr. Vasconcellos, e como o assunto era de certa importância, esqueci-me de ir ao aparelho.

"Dez minutos mais ou menos depois, o Sr. Ferreira chamou a minha atenção para o telefone, que ainda se achava desligado á minha espera.

"Aproximei-me, então, do aparelho e colocando o fone ao ouvido, chamei: 'Alô! Alô!' Não ouvindo nenhuma voz, pendurei o fone no gancho e fui de novo falar ao Sr. Vasconcellos. Uns 5 minutos depois, tive a ideia de perguntar ao Sr. Ferreira, se ele havia reconhecido a voz de quem me chamava.

"Esse empregado me respondeu pela negativa, declarando, contudo, que era uma voz de homem, porém muito rouca.

"Quem sabe, disse eu comigo mesmo, se não é o padre Manoel que me quer falar?"

"Dirigi-me, pois, ao telefone que havia mais de 5 minutos estava desligado, retirei o fone do gancho e colocando-o ao ouvido, disse: "Alô! Alô! e em resposta, com agradável surpresa, ouvi a voz rouca do padre Manoel dizer: "Figner, você demorou muito. Eu já me despedi de sua senhora e agora me despeço de você. Amanhã o acompanharei até fora da barra." E continuamos ainda por algum tempo, a palestrar.

"Posteriormente, verifiquei que, de fato, esse espírito já se havia despedido de minha senhora.

"Antes dessa comunicação, o padre Manoel já se tinha comunicado comigo e com minha senhora várias vezes, pelo telefone; e geralmente, o badalo tocava na campainha mui fracamente e com intervalo bastante grande de uma a outra pancada. Eu não tenho hoje a menor duvida de que os espíritos se podem comunicar com os homens pelo aparelho telefônico.

"Penitencio-me publicamente por ter posto em dúvida a palavra do meu amigo e confrade Oscar D’Argonnel, quando ele me disse, pela primeira vez, que os espíritos lhe falavam pelo telefone.

Fred Figner

No dia 17 de Fevereiro de 1925 ás 2 horas da tarde, o padre disse-me pelo telefone de minha Repartição, que ia dar-me mais uma frase em latim, para ser publicada neste livro; e ditou "Feci quod potui faciant meliora potentes."

Ele, a meu pedido, fez a seguinte tradução:

"Fiz o que pude, façam melhor os que puderem."

COMUNICAÇÃO DOS ESPÍRITOS PELO TELEFONE NA AMÉRICA DO NORTE E NA EUROPA

Poderemos telefonar aos mortos?

Sob o título acima, o "Psychic Magazine" de Agosto de 1921, traz o seguinte artigo do Sr. A. Bernard:

"A crer nos inventores do 'Psychofone', esse aparelho permitirá estabelecer comunicações telefônicas, com os mortos.

No mês de Fevereiro, no momento em que mais vivamente se tem falado de um aparelho construído por Edison para entrar em comunicações com os mortos, o Sr. George Lethem publicou no 'London Magazine' uma informação anunciando um aparelho que ele teria experimentado e que teria permitido estabelecer a comunicação com os espíritos por meio do telefone.

A este aparelho inédito deu o seu inventor, o Sr. Mac Creadie, o nome de 'Psychofone'.

Por mais inverossímil que tal sistema de comunicação nos pareça, teria, diz-se, funcionado várias vezes, diante de diversas personalidades, e especialmente, diante do Sr. A. Conan Doyle.

O primeiro aparelho, que foi construído em Glasgow pelo Sr. George Garscadden e seus filhos, especialistas em construções elétricas e telefônicas, está encerrado em uma caixa de vidro com montantes de madeira de 36 polegadas de comprimento, 22 de largura e 19 de altura. Essa caixa divide-se em duas secções, por uma prancha de 1 polegada de espessura. Os transmissores estão na secção superior, e as baterias destinadas a produzir a corrente necessária, se acham na secção inferior.

A caixa é fechada por uma forte coberta de madeira e não apresenta nenhuma abertura.

Primeiramente, tinham-se colocado na parte superior, pequenos porta-vozes, destinados a reforçar o som, mas com o uso, a sua inutilidade ficou demonstrada.

Quando se quer servir do aparelho, é ele colocado sobre isoladores de cortiça, que estão em um móvel no meio do aposento, depois de se ter perfeitamente verificado que o aparelho não pode ser posto em movimento nem desarraigado por nenhum acidente exterior.

As pessoas que desejam ouvir tomam os pequenos receptores e os colocam aos ouvidos, mas não lhes é permitido falarem entre si, se são diversas pessoas.

Os inventores declaram, ao contrario de Edison, que o seu aparelho não funciona senão em presença de um bom médium; mas acrescentam que, á medida que as pessoas que ouvem se familiarizam com o aparelho, a presença de um médium torna-se menos indispensável, e que a própria mediunidade dos

experimentadores pode ser suficiente, ainda que ela seja muito mais fraca do que a de um médium profissional.

Os preliminares da sessão de audição são os mesmos que para toda sessão espírita. A luz é abaixada lentamente; pois a luz completa é um grave impedimento á produção do fenômeno, como aliás o é á de diversos outros fenômenos científicos, os quais nada têm de espírita. Antes de fechar a caixa, é ela perfumada interiormente, com essência de violetas. A principio, se havia empregado o incenso, mas a violeta dá, afirmam os espíritos, melhores resultados.

Doze pessoas podem ouvir simultaneamente sem que haja nenhuma confusão do que cada uma delas está ouvindo.

As vozes que se ouvem, raramente falam muito alto. Só em casos bastante raros, as pessoas que estão com os tubos aos ouvidos, tem apreciado simultaneamente cânticos piedosos entoados por vozes femininas.

A fraca intensidade da voz tinha primeiro desanimado o Sr. Mac Creadie. Ter-lhe-iam dito que essas vozes provinham de uma grande distancia; mas o inventor não perdeu todas as esperanças de sanar esse inconveniente.

Sem duvida, diante da gravidade de uma tal descoberta, não nos é possível negar ou afirmar o quer que seja a respeito de um fato que não nos é diretamente conhecido.

Todavia, o Sr. Jean Finoi lhe consagrou um artigo na "Revista Mundial" e foi ele que, conforme a palavra do Sr. Lathem, registrou a narração feita por este último, da sessão de telefonia do outro mundo, a que assistiu com Owen Sims, Sra. letrada e muito conhecida na Inglaterra.

No primeiro momento, eu nada ouvi, diz o Sr. Lethem, a não ser o som de uma fraca pancada que, ao dizer dos habituados, era o anúncio da comunicação.

Pouco a pouco, os meus ouvidos se acostumaram a uma tensão imensa para ouvir, e eu pude perceber sons, palavras apenas sussurradas. Logo depois, pronunciaram um nome e minha mulher assim como a Sra. Owen Sims entretiveram uma das mais amistosas conversas com uma entidade do Além que, apesar das dificuldades de se fazer compreender, parecia ter muito a dizer para estabelecer a sua identidade.

Quanto a mim, percebi perfeitamente que me falavam, sem porém, poder distinguir senão algumas palavras confusas. O que sobretudo me interessava, era que os outros experimentadores tinham o ar de ouvir perfeitamente. Se, por acaso, minha mulher não compreendia uma palavra, a Sra. Sims lhe explicava; ou então, ela apelava para os Srs. Creadie e Gardscadden que se prestavam de interpretes.

Varias vezes, eu abandonei os receptores para ouvir ansiosamente, debruçado sobre a caixa; mas sem o socorro dos receptores não se ouvia nenhum ruído, nenhum sussurro.

Nessa vez, todos ouviam a mesma coisa, e era fácil verificar pelas respostas de cada um. Isto demonstrava que as palavras e os sussurros eram reais e não produzidos pela imaginação subjetiva das pessoas que ouviam.

De novo tomei os receptores, e essa vez, pude observar as duas partes dessa conversa. Repetí várias vezes a experiência com o mesmo resultado e adquiri a certeza que os sussurros vinham, sem a menor duvida, do interior da caixa. Então, ouvi o meu nome distintamente pronunciado, e eu perguntei quem falava. "Leslie

B." responderam-me sem hesitação. Nós trocamos algumas frases, e eu não me pude equivocar sobre a identidade do moço falecido que não era conhecido de nenhuma das pessoas presentes nem do Grupo do qual elas faziam parte.

A sessão terminou por cânticos produzidos pelas vozes no interior da caixa. A Sra. Owen Sims afirmou ter reconhecido nessa harmonia, a voz de um dos seus amigos falecidos que lhe tinha falado desde o começo do sessão, dando-lhe o mesmo nome familiar que lhe dava outrora e lembrando-lhe pequenas ocorrências desconhecidas dos assistentes. Essa surpreendente sessão nos deixou perplexos.

Poder-se-á supor uma fraude? Os sussurros não podiam ter sido produzidos por uma espécie de gramofone, por causa dos nomes próprios e dos incidentes particulares que tinham sido dados como prova a cada um de nós. Demais, foram feitas ás entidades no interior da caixa, diversas perguntas e por elas dadas as competentes respostas, o que nenhum gramophone podia anunciar previamente.

A ventriloquia está também posta de lado; primeiro pelas razões já citadas, pois seria preciso um ventríloquo estar a par dos nossos negócios pessoais; além disso, as vozes não eram ouvidas senão por meio dos receptores.

Têm-se querido fazer intervir o telefone sem fio; mas aí ainda, é preciso perguntar-se como seria possível ajustar esses aparelhos tão recentes, sobre velhos aparelhos telefônicos anteriores á guerra, e como a pessoa que teria o telefone no aparelho poderia revelar-nos nomes próprios e fatos pessoais que lhe eram forçosamente desconhecidos.

Assim fala, em resumo, o Sr. George Lethen, testemunhando uma certeza absoluta de que o "Psychofone" o pôs mui realmente em comunicação com os espíritos lho descoberto.

Se o fato é exato, o aparelho descoberto será urna das mais admiráveis invenções do espírito humano e a mais flagrante prova, ao mesmo tempo da sobrevivência da alma e da possibilidade da comunicação com os mortos.

COMUNICAÇÕES DE ESPÍRITOS PELO TELEFONE NA AMÉRICA E NA INGLATERRA

O "Psyquis" de Havana traz o artigo abaixo que foi reproduzido pelo "Reformador" de 16 de Fevereiro de 1923: "Muito importantes são as experiências de um médium americano, O Sr. Melton, que consegue comunicar-se com os espíritos pelo telefone.

Empregado de uma fábrica de aparelhos telefônicos notava ele certos sinais ininteligíveis que recebia pelo telefone sem fio.

Mais tarde, soube que Marconi e outros inventores recebiam sinais estranhos, que supunham provir de Marte.

Seus pais já se preocupavam com o espiritismo, o que o fazia rir; até que por fim, compreendeu que uma entidade se comunicava com ele. Era o espírito da Sra. B. que se servia do alfabeto Morse, desconhecido de todos os assistentes, exceto dele próprio.

A sua amiguinha lhe comunicou que os sinais ininteligíveis provinham do espaço. Conhecendo as leis que regem a produção do fenômeno, ela lhe prometeu o seu concurso, com a condição de construir ele um receptor capaz de recolher os sons imperceptíveis e ampliá-los depois.

O experimentador começou por se utilizar de um receptor telefônico e pode ampliar de 100 vezes o volume da voz dos espíritos.

Estão neste pé as experiências.

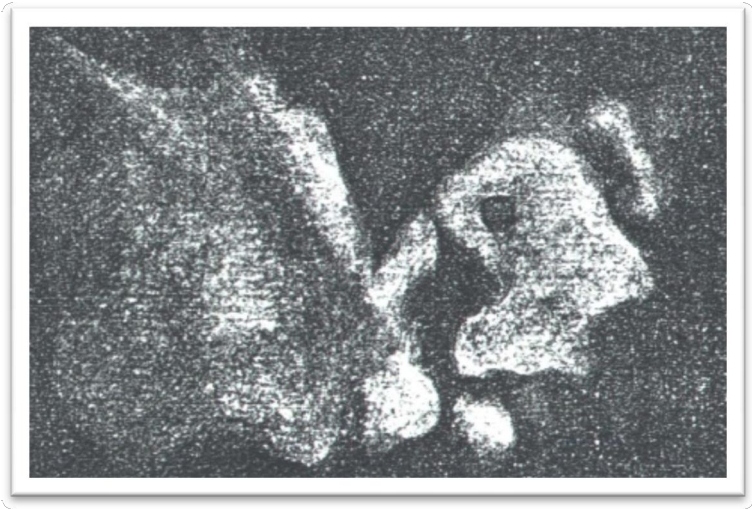
COMUNICAÇÃO COM O OUTRO MUNDO PELO TELEFONE

Algumas descobertas importantes

Pelo SR.

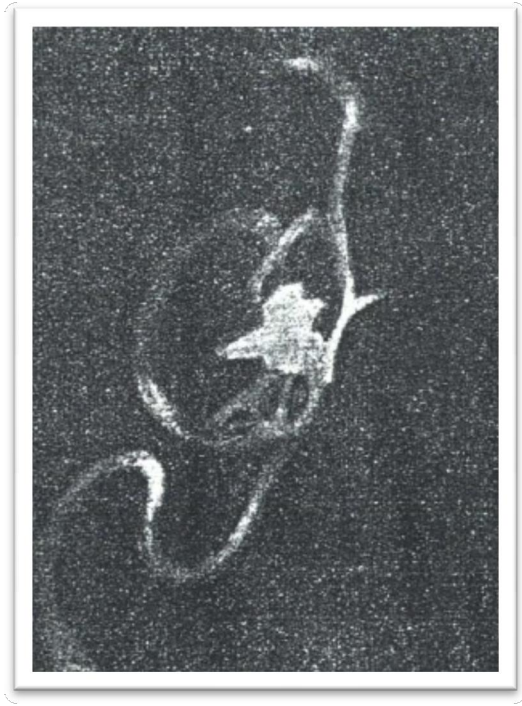
F. R. MELTON

Com este titulo, o Sr. Melton publicou nos números da "Light" de Londres de 1921, diversos artigos com gravuras, tratando do telefone de sua invenção, por meio do qual os espíritos podem falar diretamente, com a sua própria voz, com os homens.



**Fotografia de um ectoplasma tirada pelo Sr Melton.
Estava dentro do porta voz do telefone quando fotografado.
Supõe-se que os espíritos tiram destas substâncias ectoplásmicas a força para falar.**

Ele observou que, para os desencarnados falarem por esse sistema, se utilizam do ectoplasma do médium.



**Fotografia de um ectoplasma em formação.
Estava suspenso, mas estacionário quando foi fotografado pelo Sr. Melton**

Duas provas fotográficas dessa substancia, e que foram apanhadas dentro do porta voz, quando os espíritos falavam, estão publicadas na "Light" de 20 de Agosto de 1921 e neste livro.

O inventor faz a descrição completa do aparelho de sua invenção, pelo qual as vibrações das vozes dos espíritos ficam 100 vezes mais fortes, de modo a permitirem uma emissão alta e clara.

Com esse simples aparelho, estando o seu filho médium ao lado, mas perfeitamente fiscalizado, diz o Sr. Melton, qualquer pessoa pode conversar facilmente com um ou dois espíritos amigos.

Há espíritos que não aprenderam como extrair do corpo do médium, a força necessária, mesmo no mais fraco grau, para pôr as vibrações em movimento, a fim de poderem usar o telefone e; conseqüentemente, eles se tornam incapazes de falar pelo aparelho. Em casos, porém, semelhantes, um dos espíritos operadores serve de intermediário e transmite a comunicação.

O Sr. Melton diz ter recebido por esse sistema, comunicações de todas as espécies e condições, dos desencarnados, mas estipulou não tratar com espíritos desconhecidos, salvo se eles derem o nome por extenso e a residência que tiveram na Terra, ou algum pormenor especial de identidade; e isso O Sr. Melton afirma ter conseguido.

Ele estava com a ideia de dar uma demonstração publica na "Sociedade dos Espiritualistas" de Nottingham, com o seu filho como médium e o espírito W. B. como operador do fenômeno.

O Sr. Melton pensa estar definitivamente descoberto esse novo sistema de comunicação dos espíritos pelo telefone.

O TELEFONE DOS ESPÍRITOS

Detalhes exclusivos de uma nova e admirável descoberta.
Estas provas são contundentes?

POR
GEORGE H. LETHM, J. P.

NOTA. A grande exclamação dos descrentes, porém ardentes estudantes dos fenômenos psíquicos é: "Nós não fazemos nenhum progresso. Acontecem tantas coisas estranhas, no entanto sempre parece surgir um ponto fraco da prova que torna impossível a uma pessoa pratica aceitar a vida do espírito como incontestavelmente demonstrada". Está publicada pela primeira vez, um notável e novo desenvolvimento na manifestação da voz dos espíritos. Acreditam os inventores desse novo método, haverem estabelecido comunicação com o mundo espiritual, que o seu sistema elimina certas duvidas quanto á autenticidade das vozes de espíritos. O "London Magazine" está preparando uma prova especial do instrumento aqui descrito.

Se eu disser que tenho ouvido os mortos falarem, naturalmente hão de supor que estou usando a expressão no sentido figurado ou, então, proferindo uma inverdade. Contudo, afirmo com toda a seriedade; tenho ouvido vozes, vozes naturais empregando verdadeiras palavras atualmente usadas, que pretendiam vir dos espíritos, e que deram provas da sua pretensão, estabelecendo a sua individualidade e a sua memória.

Há bem pouco tempo, foi-me dado ouvir tais vozes sussurrando no receptor do telefone ligado a um transmissor que estava perfeitamente isolado e ao abrigo de sons ordinários, e em uma caixa fechada á chave.

É a respeito desse telefone dos espírito ou "Psychofone" como o seu inventor o chama que me proponho escrever, pois é alguma coisa nova e de maravilhosas possibilidades.

Desde muitos anos, investigadores psíquicos sabem que vozes supranormais podem ser ouvidas na presença de certas pessoas, geralmente conhecidas por médiuns de vozes. Destas a Sra. Etta Wriedt de Detroit, U. S. A, que esteve recentemente neste país, é provavelmente a mais conhecida.

Tenho assistido a sessões com a Sra. Wriedt e outros médiuns profissionais de vozes; porém a maior parte das minhas investigações têm sido levadas a efeito com o auxilio de sensitivos não profissionais, isto é, desinteressados, amigos pessoais, que não podiam ter razões possíveis para tentar fazer truques ou para iludirem-se a si próprios ou a mim.

Diversas teorias têm sido apresentadas para a explicação das vozes que se ouvem nessas sessões: ilusão, ventriloquia, fraude, etc., mas todas elas caíram perante o tribunal da razão e da experiência; foram rejeitadas, salvo esta: - que, de algum modo ainda não bem compreendido, porém, claramente sujeito á lei, por ser dependente de certas condições conhecidas, os espíritos podem falar de um modo inteligente e são ouvidos; e que além disso, eles ouvem e respondem as perguntas que lhes são dirigidas.

Afim de que as possibilidades e as vantagens do psychofone possam ser apreciadas em comparação com outros meios de comunicação de vozes, é conveniente que eu descreva, sumariamente, como se procede em uma sessão vulgar de vozes, e apresente um ou dois exemplos das notáveis palestras ali ouvidas.

Usualmente, as sessões de vozes se realizam na escuridão. O Almirante Osborne Moore, um investigador experimentado, que começou as pesquisas completamente céptico e terminou convencido crente, descreve em seu livro "GLIMPSES OF THE NEXT STATE" (Vislumbres do próximo estado) pp. 278, 368, etc., como nas sessões da Sra. Wriedt, ele obteve sussurros perceptíveis com uma luz comum, e como os sussurros iam tornando-se mais fortes até a perfeita nitidez da voz, quando a luz era extinta. Outros cuidadosos investigadores têm feito relatos análogos.

A razão para a diferença nos fenômenos não é compreendida, porém o fato que a luz reduz a intensidade do som ou impede inteiramente as vozes de serem ouvidas, é certo; exatamente como é certo que a luz prejudica o processo fotográfico e reduz de muito o raio de ação da telegrafia sem fio. E os investigadores têm que se acomodar nas condições necessárias, se desejam obter resultados neste ou em outro ramo do trabalho de pesquisa.

Geralmente, também, as vozes se manifestam por um "porta-voz" ou um megafone de metal que é usado aparentemente para argumentar o som das vibrações. Comumente, uma sessão compõe-se de 10 a 16 pessoas sentadas ao redor de um quarto com o "porta voz" no centro. O médium, às vezes, cai em transe, outras vezes fica acordado. A Sra. Wriedt permanece consciente, e muitas vezes ouve-se esta senhora conversar com as vozes, de modo que prova não estarem as vozes sob o seu controle, posto que sejam produzidas por intermédio do seu poder psíquico.

Em certas ocasiões, as vozes falam línguas estrangeiras, inteiramente desconhecidas do médium presente; eu mesmo ouvi diversos idiomas falados pelas vozes nas sessões; e tinha a certeza absoluta de que o médium desconhecia qualquer língua a não ser a sua própria. Algumas vezes, duas ou mesmo três vozes falaram ao mesmo tempo, fazendo confusão, o que, aliás, não é o ideal para a boa compreensão do que se ouve.

EXPERIÊNCIAS DO SR. A. CONAN DOYLE

Quando, há tempos o Sr. Arthur Conan Doyle esteve em Glasgow, ele e a Sra. Doyle assistiram a uma sessão de vozes na casa do Sr. John Sloan, um médium não profissional de alto desenvolvimento que durante o seu escasso tempo disponível, presta o seu serviço psíquico sem remuneração ou recompensa de qualquer espécie, e por sua absoluta honestidade e inteira confiança, centenas de pessoas de todas as camadas sociais, estão prontas para atestar.

As condições eram as que descrevi: algumas 14 pessoas presentes, escuridão e três "porta-vozes" no centro do círculo.

Por um dos "porta-vozes" manifestou-se ao Sr. Conan Doyle, uma voz pretendendo ser a de uma pessoa de suas relações que havia desencarnado. A conversa estabeleceu-se entre o Sr. Conan Doyle e a voz, porém não foi possível estabelecer imediatamente a identidade do misterioso manifestante.

Conan Doyle então, disse: "Penso que sei quem sois. Faleceste repentinamente no vosso clube, em Londres."

A voz respondeu: "Estais enganado; eu adoei e tornei-me inconsciente no meu clube, porém não falei ali; fui carregado para minha casa onde falei no dia seguinte."

Conan Doyle replicou: "Exatamente, e eu me tinha esquecido disso, porém é exato, e essa sua resposta é uma excelente prova de identidade."

É bom notar que a voz que falou ao Sr. Conan Doyle era real, clara e distinta, de modo que foi ouvida por mim e por todos os outros assistentes.

Depois o Sr. Conan Doyle assegurou-me que não era muito provável que o Sr. Sloan ou qualquer um dos presentes, excetuado ele próprio, tivesse em algum tempo, conhecido o homem que, do outro lado, assim dava prova de sua continuada existência consciente.

E agora, tendo explicado como se procede em uma sessão de vozes, e dado um exemplo de conversas que me parecem fornecer a prova da presença real e da linguagem dos espíritos, posso prosseguir na descrição do psychofone, e indicar as suas possíveis vantagens em comparação ao "porta-voz" comumente usado nas sessões para essa classe de fenômenos.

O inventor do psychofone é o Sr. George Garscadden, um homem bem conhecido nos círculos comerciais de Glasgow, que dedica grande parte do seu tempo disponível, à investigação psíquica. Ansioso como outros pesquisadores, para prover uma alternativa ao mesmo tempo mais acessível e menos sujeita à suspeita de fraude do que o "porta-voz" ele, durante anos, ponderou sobre a possibilidade de alguma adaptação do telefone ao serviço dos espíritos nas sessões.

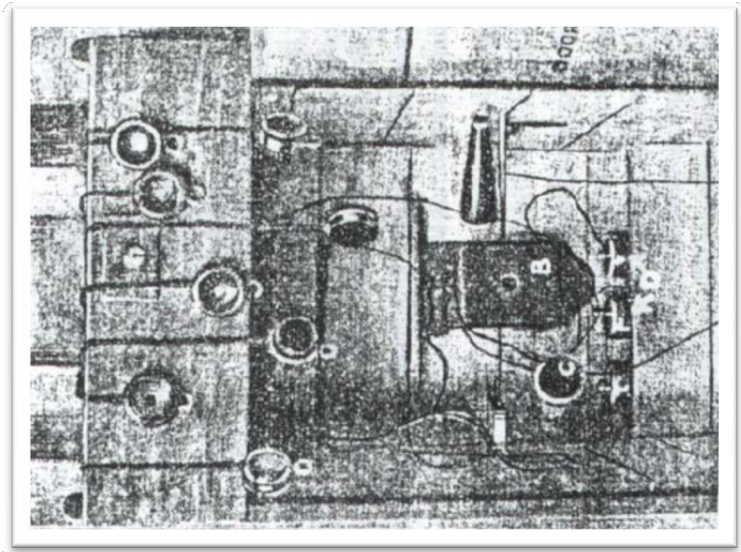
Devido, contudo, às perturbadoras influências da guerra e às exigências comerciais, ele se relacionou com o Sr. Guilherme Mac Creadie, um mecânico residente em um distrito suburbano de Glasgow. Esse mecânico e seus dois filhos,

Guilherme e André estavam empenhados em idênticas pesquisas, seguindo porem, outro rumo.

O Sr. Mac Creadie, um senhor de meia idade, refletido, tornara-se, havia dois anos, profundamente interessado nos fenômenos de comunicação dos espíritos, e reunindo-se aos seus dois filhos em casa, descobriu logo que todos três eram mais ou menos médiuns. Eles próprios experimentando nesse pequeno círculo familiar, obtiveram muitas espécies de fenômenos psíquicos, inclusive vozes, pois que o filho mais moço, André, era indicado como o médium especial desse fenômeno.

COMO O PSYCOPHONE FOI FABRICADO

Animado por esse sucesso o Sr. Mac Creddie falou das suas experiências ao Sr. Garscadden, que imediatamente reconheceu nele e nos seus filhos, auxiliares ideais para as suas experiências telefônicas; e com mais vantagem, quando descobriu que o filho mais velho, Guilherme, tinha um conhecimento pratico considerável de mecânica telefônica. Foi assim que os dois reuniram as suas forças e puseram mãos à obra.



A ideia do Sr Garscadden não se deteve em usar um aparelho telefônico. Deixando o transmissor telefônico desprotegido, ficaria evidentemente a porta aberta a mesma suspeita do "porta-voz". Por isso ele deliberou que o transmissor devia estar isolado e ao abrigo completo de qualquer possibilidade de manipulação; e o meio mais eficaz de resolver isso era colocá-lo em uma caixa fechada á chave, ligando-o exteriormente ao receptor (fone).

É, pois, essa combinação da caixa fechada á chave e do aparelho telefônico, que constitui o psychofone.

A caixa foi construída especialmente pelo Sr. Guilherme Jeffrei (outro ardente pesquisador) sob especificações preparadas pelo Sr. Garscadden. Ela mede 36 x 22 x 19 1/2 polegadas, e é repartida horizontalmente, por uma divisão de madeira de 1 polegada de espessura por 6 polegadas de profundidade da tampa, que forma ao mesmo tempo o teto da própria caixa, e o fundo de uma caixa rasa da qual partem os fios, e em que os receptores são guardados quando não estão em uso.

DETALHES DO TELEFONE DOS ESPÍRITOS

A caixa é feita de madeira de lei e adapta-se perfeitamente de modo que, quando a porta e o lado estão fechados, não há fendas ou juntas pelas quais sons ou fios clandestinos possam ser dirigidos ao transmissor. A Caixa é facilmente movida, e pode ser apresentada e minuciosamente examinada.

O transmissor que está cuidadosamente isolado, é fixado na parte posterior da caixa, de modo que fica de frente para a porta, como se vê na gravura. As baterias para prover a corrente elétrica estão colocadas abaixo do transmissor, e os fios que servem de junção, são levados das baterias e do transmissor ás extremidades no teto da caixa e á uma agulha no lado exterior por meio da qual o circuito pode ser completado ou interrompido á vontade.

As extremidades são de latão, de 2 polegadas de comprimento, e aparafusadas na madeira.

Os fios terminais dessas extremidades são ligados aos fios dos receptores e quando os receptores estão em uso, a tampa da caixa superior fecha-se, e os fios passam pelas fendas exatamente abaixo da tampa. Estas fendas estão na parte de baixo.



UM MÉDIUM É IMPRESCINDÍVEL?

O Sr. Garscadden está continuamente fazendo experiências com o intuito de melhorar o aparelho; porém nem ele nem os seus amigos, os Mac Creadies, estão sob a impressão, como parece estar o Sr. Edson, de que eles poderão idear uma máquina por meio da qual os espíritos consigam operar sem a presença e o auxílio de um sensitivo humano.

A investigação tem demonstrado não só a eles como, a outros a improbabilidade da obtenção de fenômenos de uma natureza objetiva, sem o auxílio consciente ou inconsciente, de um médium, devido ao qual a força psíquica possa ser produzida. Porém, como eles têm verificado que os sussurros se fazem ouvir, se bem que fracamente, em várias ocasiões, quando André Mac Creadie se acha ausente estão na suposição que qualquer dos quatro assistentes regulares poderá sozinho ouvir as vozes.

Eles sabem que todas as pessoas são mais ou menos sensitivas, para as coisas psíquicas, que muitas são médiuns altamente dotados, e que ignoram a significação da mediunidade como, por exemplo, aconteceu com os Mac Creadies, quando começaram a interessar-se pelo assunto. Isto sendo assim, eles esperam que com um psychofone aperfeiçoado, não somente eles individualmente, porém muitos outros, poderão ouvir as vozes sem outro auxílio além do fornecido pelos próprios assistentes.

Quando o psychofone está pronto para ser usado, o interior da caixa é saturado com abundância de perfume de violeta. A princípio, experimentou-se o incenso, na presunção que nisso podia estar alguma coisa psiquicamente pratica ou cerimonial em seu uso. Esse perfume, porém, foi substituído por outro mais agradável que se esperava poder servir do mesmo modo.

Feito isso, e a caixa fechada, os pensamentos e os sentimentos dos que se acham no circulo ficam harmonizados, tanto quanto possível, por meio de preces e cânticos de hinos apropriados; e só depois disso feito espera-se obter a audição de vozes.

Quando eu vi o psychofone pela primeira vez, não foi por ocasião de uma sessão, e por isso, tive ampla oportunidade para examiná-lo. A caixa estava em um canto; foi porém, retirada e trazida aberta para eu examiná-la. Examinei-a cuidadosamente e, em particular certifiquei-me que não havia preparo para ligação clandestina de fios no fundo, nas costas nem nos lados da caixa; nem nenhum buraco através do qual sussurros pudessem chegar ao transmissor.

